

Convergência

Maio • 2018 • ANO LIII

511

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010- 8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jadelmir Viçório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Gráfica e Editora Qualytã
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

SANTA MÃE DE DEUS 5

MENSAGEM DO PAPA

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA
SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS 9

MÁRTIRES/SANTOS

VIDA DO BEATO PADRE EUSTÁQUIO VAN LIESHOUT 13
Pe. M. Vinícius Maciel, ss.cc

INFORMES

CRB MARCA PRESENÇA NO CONGRESSO
INTERNACIONAL DE PASTORAL VOCACIONAL 21
Irmã Clotilde Prates de Azevedo, apb

ARTIGOS

MARIA DE NAZARÉ, PEREGRINA DA TRINDADE
– MULHER DE RELAÇÕES 27
Irmã Helena Terezinha Rech, sts

AVE, MARIA, CHEIA DE GRAÇA! 37
Padre Alfredo J. Gonçalves, cs

SOBRE A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, NOVAS
GERAÇÕES E ARTE 39
Irmã Lilian Cristina Pinheiro, osf
Irmão Marcos Antônio dos Santos, fsc

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ E A NOVA PARÓQUIA
COMO LUGAR DO DESPERTAR VOCACIONAL 49
Frei João Fernandes Reinert, ofm

COMO FALAR DO ESPÍRITO SANTO EM TEMPOS
DE NEOPENTECOSTALISMO: O DESAFIO DE UMA
NOVA PNEUMATOLOGIA 61
Luiz Carlos Sureki, sj

A ENCÍCLICA RERUM NOVARUM
(SOBRE A CONDIÇÃO DOS OPERÁRIOS, 1891)
E A REFORMA TRABALHISTA (2017) 69
Adilson Souza

SANTA MÃE DE DEUS!

O papa Francisco, em 1º de janeiro de 2018, durante a homilia da Santa Missa na Solenidade de Maria Santíssima Mãe de Deus, expressou: “Temos hoje diante de nós o ponto de partida: a Mãe de Deus. Pois Maria é como Deus nos quer, como quer a sua Igreja: Mãe terna, humilde, pobre de coisas e rica de amor, livre do pecado, unida a Jesus, que guarda Deus no coração e o próximo na vida. Para recomeçar, ponhamos os olhos na Mãe. No seu coração, bate o coração da Igreja”.

Pe. M Vinicius Maciel nos apresenta o resumo da Vida do Beato Padre Eustáquio van Lieshout, “uma vida de consagração aos Sagrados Corações de Jesus e Maria pela adoração diária a Jesus Eucarístico, alimentando assim seu ideal missionário e comunicando o que conhece e experimenta: Deus é Amor!”

Irmã Clotilde representou a CRB no Congresso Internacional de Pastoral Vocacional. No seu texto para o Informe, a Irmã comunica: “Horizontes e esperanças” e “venham e vejam” (Jo 1,39) foram o tema e o lema do Congresso Internacional de Pastoral Vocacional e Vida Consagrada, organizado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica, de 1º a 3 de dezembro de 2017, em Roma. O Congresso teve como objetivo oferecer uma contribuição a partir da realidade da vida consagrada e sociedade de vida apostólica ao Sínodo sobre a Juventude de 2018”.

“Maria de Nazaré, Peregrina da Trindade – Mulher de Relações” é o texto mariano para este mês de maio, de autoria da Irmã Helena T, Rech, membro do Conselho Editorial da CRB. Eis a introdução do artigo: “Gosto muito de contemplar Maria de Nazaré como uma mulher peregrina junto ao seu povo nas idas e vindas a Jerusalém e de relações: junto às mulheres buscando água no poço, com a vizinhança,

parentes e amigos. Mulher companheira, atenta, terna, aberta, buscadora, simples. Mulher do cotidiano, mas um cotidiano sem rotina, pleno de Deus e de amor; mulher livre, sem se prender às seguranças, mas movida por trilhas e caminhos que o Deus da vida lhe indicava. Era um cotidiano vigilante, não adormecido. Havia brilho nos olhos, vibração no coração cheio de esperança aguardando com seu povo o Libertador de Israel.

Vamos conhecer Maria de Nazaré em seus relacionamentos e como peregrina, contemplando o que o Novo Testamento, em especial os Evangelhos, descreve sobre Maria de Nazaré.

Convido o/a leitor/a a colocar-se como peregrino/a nas trilhas do Evangelho e descobrir esta mulher surpreendente e dinâmica, terna, peregrina da Trindade”.

Pe. Alfredo faz uma breve e rica reflexão sobre “Ave, Maria, Cheia de Graça”. Ele pergunta: “Que significa ‘cheia de graça’? Responde: “Significa revestida plenamente pela luminosa escuridão do rosto do Pai. Desnuda de si mesmo e repleta pela luz do espírito de Deus. Desnuda não enquanto ‘vazia’, mas enquanto deliberadamente privada de tudo aquilo que gira em torno dos próprios interesses, instintos, paixões, desejos, projetos pessoais. Livrementemente despida de um ‘ego’ centrado em si mesma, para abrir-se a um projeto maior, incomparavelmente maior, a uma outra esfera de vida distinta e cheia de resplendor”.

Uma religiosa e um religioso das Novas Gerações, Irmã Lilian e Irmão Marcos, publicam um belo texto com o título “Sobre Vida Religiosa Consagrada, Novas Gerações e Arte”. Esclarecendo no início o nome do texto, explicam: “O título deste artigo talvez não expresse objetivamente o que deseja tratar. A intenção é justamente esta: fazer uma reflexão aberta. Mas reflexão aberta sobre o quê? Bom! Foi-nos solicitado pelo Conselho Editorial desta Revista, enquanto Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada (VRC), um artigo sobre “a juventude na VRC: a difícil abertura das estruturas para o novo”. É sobre isto que pretendemos dar uma contribuição. Não queremos dizer, com isso, que imaginemos haver redescoberto a roda. Pelo contrário, nossas experiências em diferentes tempos e lugares são também as de muitos/as outros/as consagrados/as”.

Frei João Fernandes Reinert, no texto “A iniciação à vida cristã e a nova paróquia como lugar do despertar vocacional”, pensa que “a paróquia continua sendo, apesar de seu cansaço institucional, uma das principais

portas de entrada para a vida cristã. Ora, se ela é ponto de referência para a vida cristã, resulta dessa afirmação o fato de ser lá, em seu espaço litúrgico, catequético, pastoral, social, onde se ouve concretamente o chamado de Deus a uma determinada vocação. Deus fala, Deus chama através de pessoas, e (por que não?), através de estruturas. Daí a necessidade de conversões estruturais, pastorais, eclesiológicas da paróquia”.

Pe. Luis Carlos Sureki esclarece o significado de Pneumatologia na introdução do texto “Como falar do Espírito Santo em tempos de neopentecostalismo: o desafio de uma nova pneumatologia”. Explica: “‘Pneumatologia’ é o termo que se utiliza em teologia para se falar do estudo, da doutrina ou do conhecimento acerca do Espírito Santo. O termo é constituído pelos vocábulos gregos ‘pneuma’ e ‘logos’: espírito e palavra/sabedoria. Visto a partir da teologia trinitária, o Espírito de Deus sempre acompanha a sua Palavra. É a Palavra de Deus quem revela o Espírito de Deus. E se a Palavra de Deus para nós é Jesus Cristo, segue-se que é ele quem revela o Espírito de Deus, ou ainda: nele se revela Deus como Espírito”.

Adilson Souza, superintendente do Axis Instituto, faz um paralelo entre a Encíclica Rerum Novarum (sobre a condição dos operários, 1891) e a Reforma Trabalhista (2017). Escreve o autor: “A Encíclica Rerum Novarum (RN) foi publicada em 15 de maio de 1891 pelo Papa Leão XIII. A carta versava sobre a “condição dos operários” e, de forma clara e firme, o Papa alertava sobre e denunciava as relações de trabalho e as inadequadas condições para laborar, na época. Agora, 125 anos depois, foi sancionada a lei da reforma trabalhista que altera em centenas de pontos a legislação do trabalho. A situação ocorre em épocas extremamente distintas, mas com situações tão preocupantes como há mais de um século”.

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS 51º DIA MUNDIAL DA PAZ - 1º DE JANEIRO DE 2018

PAPA FRANCISCO

Fonte: <https://w2.vatican.va>

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O Ano tem início sob o nome da Mãe de Deus. Mãe de Deus é o título mais importante de Nossa Senhora. Mas a alguém poderia vir a pergunta: por que dizemos “Mãe de Deus”, e não Mãe de Jesus? Alguns, no passado, pediram para nos cingirmos a isto, mas a Igreja afirmou: Maria é Mãe de Deus. Devemos estar-lhe agradecidos, porque, nestas palavras, se encerra uma verdade esplêndida sobre Deus e sobre nós mesmos, ou seja: desde que o Senhor Se encarnou em Maria – desde então e para sempre –, traz a nossa humanidade agarrada a Ele. Já não há Deus sem homem: a carne que Jesus tomou de sua Mãe, continua ainda agora a ser d’Ele e sê-lo-á para sempre. Dizer “Mãe de Deus” lembra-nos isto: Deus está perto da humanidade como uma criança da mãe que a traz no ventre.

A palavra mãe (mater) remete também para a palavra matéria. Em sua Mãe, o Deus do céu, o Deus infinito fez-Se pequenino, fez-Se matéria, não só para estar connosco, mas também para ser como nós. Eis o milagre, eis a novidade: o homem já não está sozinho; nunca mais será órfão, é para sempre filho. O Ano tem início com esta novidade. E nós proclamamo-la dizendo assim: Mãe de Deus! É a alegria de saber que a nossa solidão está vencida. É a maravilha de nos sabermos filhos amados, de sabermos que esta nossa infância nunca mais nos poderá

ser tirada. É espelharmo-nos em Deus frágil e menino nos braços da Mãe e vemos que a humanidade é querida e sagrada para o Senhor. Por isso, servir a vida humana é servir a Deus, e toda a vida – desde a vida no ventre da mãe, até à vida envelhecida, atribulada e doente, à vida incômoda e até repugnante – deve ser acolhida, amada e ajudada.

Deixemo-nos agora guiar pelo Evangelho de hoje. Da Mãe de Deus, diz-se apenas uma frase: “guardava todas estas coisas, meditando-as no seu coração” (Lc 2, 19). Guardava. Simplesmente... guardava; Maria não fala: d’Ela, o Evangelho não refere uma palavra sequer, em toda a narração do Natal. Também nisto a Mãe Se associa ao Filho: Jesus é infante, ou seja, “sem dizer palavra”. Ele, o Verbo, a Palavra de Deus que “muitas vezes e de muitos modos falara nos tempos antigos” (Heb 1, 1), agora, na “plenitude dos tempos” (Gal 4, 4), está mudo. O Deus, na presença de Quem se guarda silêncio, é um menino que não fala. A sua majestade é sem palavras, o seu mistério de amor desvenda-se na pequenez. Esta pequenez silenciosa é a linguagem da sua realeza. A Mãe associa-Se ao Filho e guarda no silêncio.

E o silêncio diz-nos que também nós, se nos quisermos guardar a nós mesmos, precisamos de silêncio. Precisamos permanecer em silêncio, olhando o presépio. Porque, diante do presépio, nos redescobrimos amados; saboreamos o sentido genuíno da vida. E, olhando em silêncio, deixamos que Jesus fale ao nosso coração: deixamos que a sua pequenez desmantele o nosso orgulho, que a sua pobreza desinquieta as nossas sumptuosidades, que a sua ternura revolve o nosso coração insensível. Reservar cada dia um tempo de silêncio com Deus é guardar a nossa alma; é guardar a nossa liberdade das banalidades corrosivas do consumo e dos aturdimentos da publicidade, da difusão de palavras vazias e das ondas avassaladoras das maledicências e da balbúrdia.

Maria guardava – continua o Evangelho – todas estas coisas, meditando-as. Quais eram estas coisas? Eram alegrias e aflições: por um lado, o nascimento de Jesus, o amor de José, a visita dos pastores, aquela noite de luz; mas, por outro, um futuro incerto, a falta de uma casa, “porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 7), o desconsolo de ver fechar-lhes a porta; a desilusão por fazer Jesus nascer num curral. Esperanças e angústias, luz e trevas: todas estas coisas preenchem o coração de Maria. E que fez Ela? Meditou-as, isto é, repassou-as com Deus no seu coração. Nada conservou para Si, nada encerrou na solidão nem submergiu na amargura; tudo levou a Deus. Foi assim que guardou. Entregando, guarda-se: não deixando a vida à mercê do

medo, do desânimo ou da superstição, não se fechando nem procurando esquecer, mas dialogando tudo com Deus. E Deus, que Se preocupa conosco, vem habitar nas nossas vidas.

Aqui temos os segredos da Mãe de Deus: guardar no silêncio e levar a Deus. Isto realizava-se – conclui o Evangelho – no seu coração. O coração convida a pôr os olhos no centro da pessoa, dos afetos, da vida. Também nós – cristãos em caminho –, ao princípio do Ano, sentimos a necessidade de recomeçar do centro, deixar para trás os pesos do passado e partir do que é importante. Temos hoje diante de nós o ponto de partida: a Mãe de Deus. Pois Maria é como Deus nos quer, como quer a sua Igreja: Mãe terna, humilde, pobre de coisas e rica de amor, livre do pecado, unida a Jesus, que guarda Deus no coração e o próximo na vida. Para recomeçar, ponhamos os olhos na Mãe. No seu coração, bate o coração da Igreja. Para avançar – diz-nos a festa de hoje –, é preciso recuar: recomeçar do presépio, da Mãe que tem Deus nos braços.

A devoção a Maria não é galanteria espiritual, mas uma exigência da vida cristã. Olhando para a Mãe, somos encorajados a deixar tantas bagatelas inúteis e reencontrar aquilo que conta. O dom da Mãe, o dom de cada mãe e cada mulher é tão precioso para a Igreja, que é mãe e mulher. E, enquanto o homem muitas vezes abstrai, afirma e impõe ideias, a mulher, a mãe sabe guardar, fazer a ligação no coração, vivificar. Porque a fé não se pode reduzir apenas a ideia ou a doutrina; precisamos, todos, de um coração de mãe que saiba guardar a ternura de Deus e ouvir as palpitações do homem. A Mãe, autógrafa de Deus sobre a humanidade, guarde este Ano e leve a paz de seu Filho aos corações, aos nossos corações, e ao mundo inteiro. E, como filhos d’Ela, convido-vos a saudá-La hoje, simplesmente, com a saudação que os cristãos de Éfeso pronunciavam diante dos seus Bispos: “Santa Mãe de Deus!” Com todo o coração, digamos três vezes, todos juntos, fixando-A [voltados para a sua imagem posta ao lado do altar]: “Santa Mãe de Deus!”

VIDA DO BEATO PADRE EUSTÁQUIO VAN LIESHOUT

PE. M VINICIUS MACIEL, SS.CC¹

A presença do Padre Eustáquio permanece viva e atual em tantos quantos o conheceram ou se aproximam de seu testemunho e de sua obra. Seu túmulo em Belo Horizonte, no novo Memorial do Santuário da Saúde e da Paz, continua atraindo diariamente grande número de pessoas. As crianças, os adolescentes e os jovens estudantes, antes ou depois de irem às escolas que levam o seu nome, se ajoelham ou traçam um apressado sinal da cruz saudando o querido patrono. No comércio e em muitos lares, encontramos sua foto com aquele olhar claro, firme e penetrante. Agradecidos por muitas graças alcançadas, os pais honram o Beato atribuindo a seus filhos o nome de Eustáquio, Eustáquia. Sua mensagem viva expressa a atenção aos enfermos e aos pobres como a marca de toda uma vida vivida no seguimento de Jesus. Uma vida de consagração aos Sagrados Corações de Jesus e Maria pela adoração diária a Jesus Eucarístico, alimentando assim seu ideal missionário e comunicando o que conhece e experimenta: Deus é Amor!

Os pais e as mães de família ou os doentes e sofredores todos: desempregados, gente necessitada, mas sempre cheios de fé, esperança e agradecimento clamam:

“Roga por nós, Padre Eustáquio, vela por nós com amor.
Confiamos em vossa bondade, junto a Deus nosso intercessor.”

¹ Vice Postulador Canonização Pe. Eustáquio
Pároco da Paróquia dos Sagrados Corações
Pró Reitor do Santuário da Saúde e da Paz
Endereço: R. Riachuelo, 1250 Padre Eustáquio, CEP: 30720-060 - Belo Horizonte/MG
Fones: (31) 99657-9656 - (31) 3411-9182 (Res.)

Notas Biográficas

Hubertus (Humberto) van Lieshout, Eustáquio na vida religiosa, natural de Aarle-Rixtel, Holanda, teve sua ação missionária no Brasil entre os anos de 1925 e 1943.

Religioso dos Sagrados Corações

Em 1915, Eustáquio realizou seu sonho de tornar-se religioso da Congregação dos Sagrados Corações, fundada em 1800, na França, pela Madre Henriqueta Aymer e o Padre José Maria Coudrin, como uma comunidade missionária e adoradora. Religiosas e Religiosos numa única Congregação, cujo ideal é contemplar, viver e anunciar o Amor. Desde os primeiros anos, a Congregação se estabeleceu nos países vizinhos e partiu para as missões estrangeiras.

Novas terras de missão

A recém-fundada província Holandesa recebeu o apelo de D. Antônio de Almeida Lustosa, Salesiano, Bispo de Uberaba-MG, para várias fundações em sua Diocese. Em 1925, chegaram ao Brasil os primeiros missionários, dentre eles o Padre Eustáquio, que assumiu o pastoreio e a construção do Santuário de Nossa Senhora da Abadia no povoado de Água Suja, hoje Romaria, MG. Em Araguari e em Patrocínio, a Congregação tra-balhou em parceria com as Irmãs Belgas do Sagrado Coração de Maria de Berlaar, fundando colégios masculinos e femininos, respectivamente.

Família do Sr. Guilherme e D. Elizabete

O Padre Eustáquio van Lieshout nasceu na Holanda, em 1890. Família numerosa e muito religiosa. Dos nove filhos, mais duas de suas irmãs também seguiram a vocação religiosa. Seus pais foram o Sr. Guilherme e D. Elizabete. Próximo de completar 15 anos, no ano de 1905, ingressou no Seminário da Congregação dos Sagrados Corações.

São Damião inspira o seu ideal missionário: Damião e Eustáquio irmãos na fé e no ideal, modelos de santidade na entrega missionária.

A juventude de sua região foi marcada pelo testemunho heroico do conterrâneo da Região da Brabância, que se divide entre o sul da

Holanda e o norte da Bélgica. Na adolescência, a leitura da vida de São Damião de Molokai (1840-1889) encantou-o de tal forma que desde então seu grande sonho era ser missionário como o “apóstolo dos hansenianos”. O jovem belga ofereceu-se para o serviço na colônia de hansenianos na ilha de Molokai, no Haváí. Contraindo, ele mesmo, a lepra, sua ação ganhou fama de heroísmo e santidade.

Em 1919, recebeu a ordenação sacerdotal. Serviu ao Povo de Deus na Holanda em várias missões. Destacou-se de tal forma que recebeu do Rei da Bélgica uma condecoração pelos serviços prestados aos refugiados durante a Primeira Guerra Mundial.

Eustáquio Missionário: Deus quis que sua “Molokai” fosse aqui no Brasil.

O Padre Eustáquio viveu em Romaria-MG, de 1925 até 1935, servindo também as paróquias de Indianópolis-MG e Iraí de Minas-MG. Construtor do atual Santuário de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja, foi transferido para São Paulo sob protesto de seus paroquianos. O Pároco gozava de tamanho apreço entre seus fiéis que quando foi transferido chegaram a sitiar a casa paroquial e obstruir as vias de comunicação do município arrancando os “mata-burros”.

O Vigário de Poá

O Padre Eustáquio foi pároco em Poá-SP, de 1935 a 1941, na paróquia N. Sra. de Lourdes. Como Jesus, Bom Pastor, ele entregou sua vida pelos paroquianos: um especial carinho para com os doentes e os sofredores. Construiu uma gruta em honra da padroeira e disponibilizou água benta misturando a água que ele mesmo trouxera da França em sua peregrinação a Lourdes durante as férias na Holanda, em 1935. O Pe. Venâncio Hulselmans, SS.CC., seu companheiro e primeiro biógrafo, relata em seu livro “O Vigário de Poá”, de 1944, que “o trabalho paroquial continua com a maior regularidade, porque os romeiros só procuravam água-benta e nada mais. Padre Eustáquio vai com os paroquianos a Aparecida do Norte, enfim, faz tudo o que costumava fazer, sem atrair uma atenção especial. Aos poucos, porém, com a crescente fama da água, que levava a saúde onde quer que fosse usada, os romeiros não se contentam mais em tirar a água, mas querem ver o padre, falar com ele, pedir-lhe pessoalmente uma bênção, tanto

para si como para a água. Bondoso por natureza, Padre Eustáquio atendia a um e a outro na saleta de visitas. As histórias de doenças e infortúnios que ouvia comoviam-lhe o coração sempre compassivo e, consolando e confortando, terminava sempre com uma bênção pessoal, aconselhando o uso da água-benta”. Em Poá-SP, começaram os relatos de curas “miraculosas” que provocaram grande afluxo de pessoas. A pequena cidade não comportava o grande número de fiéis que o procuravam diariamente e fizeram sua propaganda e viraram a casa paroquial de Poá de cabeça para baixo. E o pior estava para vir. Em 4 de Março apareceram em cena os primeiros repórteres de “O Diário da Noite” e, no mesmo dia, por manchetes colossais e ampla documentação fotográfica, o grande público ficou sabendo que “EM POÁ HAVIA UM PADRE FAZENDO MILAGRES”. Este exemplo, logo seguido por outros jornais que diariamente, em reportagens sensacionais, relatavam minuciosamente, mais uma cura milagrosa do “SANTO DE POÁ”, levou o movimento a proporções fantásticas, na pequenina localidade. Os jornais arrastavam a população do Estado inteiro e mesmo muitos peregrinos de outros Estados.

Exílio

Com isso, teve de ser afastado da paróquia a partir de 13 de maio de 1941 e foi enviado às escondidas para uma fazenda na cidade de Rio Claro-SP. Até o nome foi trocado por Padre José. Sofrimentos que ele aceitou testemunhando obediência e humildade. Pouco adiantou, quando o redescobriram, a fazenda foi invadida por centenas de pessoas e a situação tornou-se cada vez mais difícil.

Esta descoberta provocou para o Padre o início de uma peregrinação sem lugar certo. Foi nesse período que visitou o Sanatório de Campos do Jordão onde, segundo o relato do próprio Redentorista, Padre Vítor Coelho de Almeida, foi agraciado com uma cura através de sua bênção. O carisma e os dons do Padre Eustáquio se expressavam num forte chamado à conversão, corajosa pregação e bênçãos rituais que atraíram multidões.

Patrocínio e Ibiá

Finalmente foi enviado para o convento dos padres em Patrocínio – MG, no então Ginásio D. Lustosa. A partir de 13 de outubro de 1941,

a capela de Santa Luzia era seu campo de trabalho, mas com sérias restrições. Atendimento e bênçãos só no confessionário, onde chegava a ficar de sete a oito horas por dia. Sem uma queixa, Padre Eustáquio aceitou todas as condições. Em Patrocínio, experimentou novo ânimo. Mas lá permaneceu apenas quatro meses até fevereiro de 1942. Ele mesmo escreveu em dezembro de 1941:

Fui assistir ao retiro e tive a felicidade de poder tratar intensamente da minha própria alma e recomendar de modo especial as intenções que tantas pessoas me pedem. Graças ao bom Deus, todos os dias conto com algumas conversões. Pessoas que anos e anos viviam afastadas de Deus e da Igreja, vejo voltarem aos braços do nosso Divino Mestre. Quanto não há de transbordar o Coração de Jesus de verdadeira alegria! E eu não me sinto menos feliz com tantas ressurreições espirituais. Ganhar almas, aliviar dores e sofrimentos, eis aí meu grande ideal, inspirado por Deus!

Após esta rápida passagem por Patrocínio, auxiliou por uns dois meses na Paróquia vizinha de Ibiá e foi nomeado pároco para a Capital mineira.

Belo Horizonte

Acolhido por D. Antônio Cabral, chegou a Belo Horizonte no dia 07 de abril de 1942. É impressionante como tudo aconteceu em pouco mais de um ano. Foram apenas 16 meses de intenso apostolado a partir da capela de Cristo Rei, da futura paróquia dos Sagrados Corações. A procura do povo era três vezes maior que a capacidade da capela. Para organizar foi adotada a distribuição de senhas através de um cartão numerado.

Padre Eustáquio foi para Belo Horizonte enfeitado, ninguém sabia onde colocar Padre Eustáquio. Ele foi para Belo Horizonte com a obrigação de não fazer milagre. Pois para Deus não tem isso. Ele fez... trocou nome de rua, trocou nome de bairro, trocou nome de Igreja, trocou tudo... prá ver o que é a pessoa marcada por Deus. Padre Eustáquio com o seu 'Saúde e Paz' chegou a todas as famílias, de JK (Juscelino Kubitschek, então prefeito) até o mais simples e pobre dos cristãos. (Cardeal D. Serafim Fernandes de Araújo, Arcebispo Emérito de Belo Horizonte.)

Missionário da Saúde e Paz

Além da própria paróquia, era chamado por toda parte e naqueles escassos 16 meses em Belo Horizonte ainda temos notícia de sua passagem por muitos bairros e cidades.

Uma repentina febre alta interrompeu por uma semana este intenso apostolado. No dia 30 agosto de 1943 faleceu, vitimado por tifo exantemático ou febre maculosa. Seu funeral foi a manifestação do carinho expressado pela multidão que o acompanhou no velório e até a sepultura no Cemitério Municipal do Bonfim. No livro de tomo da Igreja Matriz podemos ler a anotação de 30 de agosto de 1944:

primeiro aniversário da morte do padre Eustáquio, 1º vigário da matriz dos Sagrados Corações. Foram celebradas três missas por alma dele, assistidas por milhares de pessoas. O povo foi espontaneamente em grandes massas para o cemitério do Bonfim onde se acham os restos mortais. Os Padres conforme o desejo do Sr. Arcebispo não organizaram uma romaria.

A nova Matriz por ele idealizada sempre foi carinhosamente chamada a Igreja “do” Padre Eustáquio. Seus restos mortais foram exumados e trasladados para um túmulo dentro da igreja no mês de janeiro de 1949.

Processo de Canonização

A notícia de graças alcançadas e a crescente devoção popular provocou a abertura do processo de Canonização em 1956 e o Servo de Deus foi declarado Venerável no dia 12 de abril de 2003. Assim o papa São João Paulo II reconheceu a heroicidade de suas virtudes.

Milagre

A surpreendente cura de um câncer na garganta do Padre Gonçalo Belém, de Belo Horizonte, foi reconhecida como um milagre. O Cardeal D. Serafim conta como tudo aconteceu.

Certa manhã de quinta-feira, Padre Gonçalo Belém Rocha pediu que Dom João (Resende Costa, SDB, Arcebispo de Belo Horizonte) e eu o recebêssemos. Vinha despedir-se de nós, pois fora constatado um câncer na sua garganta. Ficamos transtornados. Chorava o Padre Belém, chorávamos nós dois com o amigo e filho. Assim nos despedimos. Dom João olhou para mim, olhei para Dom João e me veio uma inspiração. Eu disse: ‘Dom João, vamos subir à Capela e pedir expressa e fervorosamente a Deus que, pela intercessão de Padre Eustáquio, cure o Padre Belém’. Passamos uns minutos rezando. E colocamos aquele sacerdote nas mãos do Padre Eustáquio, cujo processo de Canonização tínhamos iniciado fazia pouco tempo. Na operação segunda-feira, algo de impensável havia acontecido. Os médicos entreolhavam-se, mas o raio X comprovava ‘não havia nada a ser extirpado’ alguém chegara antes!... Padre Belém viveu ainda mais 50 anos. Santo é santo, ventania de Deus que ninguém segura.

Reconhecimento oficial: Beatificação

No dia 15 de junho de 2006, aconteceu a Beatificação. O Estádio do Mineirão, em Belo Horizonte – MG, acolheu, na festa de “Corpus Christi”, a multidão de fiéis vindos das paróquias de Belo Horizonte e de outras cidades. Eram mais de 80 mil pessoas.

A beleza de seu testemunho está na intensa vida de oração, na simplicidade, na dedicação aos enfermos e aos pobres e no zelo pela salvação dos pecadores e admirável obediência à orientação dos superiores. Sua bondade encantava, aproximando todos de Deus. Precisamos desses exemplos que nos ensinam a perceber quanta gente boa e santa vive no meio do povo. São a ‘Torcida de Deus’ de todo dia. (D. Luciano Mendes de Almeida, SJ, Arcebispo de Mariana-MG (1988-2006.)

Oração

Bondoso Padre Eustáquio, grande amigo e benfeitor
das almas sofredoras, alcançai-me por vossa intercessão
junto a Deus, a graça que tanto almejo.....

Prometo rezar e ajudar muito para que em breve
sejais beatificado e elevado à honra dos altares,
para maior honra e glória dos Sagrados Corações
de Jesus e de Maria e pela glorificação
da Santa Madre Igreja. Amém.

canonizacao@padreeustaquio.com.br

CRB MARCA PRESENÇA NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL VOCACIONAL

IR. CLOTILDE PRATES DE AZEVEDO, APB¹

“Horizontes e esperanças” e “venham e vejam” (Jo 1,39) foram o tema e o lema do Congresso Internacional de Pastoral Vocacional e Vida Consagrada, organizado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedade de Vida Apostólica, de 1º a 3 de dezembro de 2017, em Roma. O Congresso teve como objetivo oferecer uma contribuição a partir da realidade da vida consagrada e sociedade de vida apostólica ao Sínodo sobre a Juventude de 2018. Participaram do evento cerca de 900 consagrados e consagradas provenientes dos cinco continentes. Ir. Clotilde P. de Azevedo (Apostolina), assessora do Setor Juventudes, representou a CRB Nacional, e também se fizeram presentes vários outros brasileiros e brasileiras que atuam na animação vocacional em suas congregações no Brasil ou em outras partes do mundo.

A mensagem enviada pelo papa Francisco ao Congresso evidenciou as linhas orientativas que devem perpassar e delinear a pastoral vocacional: a) qualquer ação pastoral da Igreja está orientada para o discernimento vocacional; b) a atividade vocacional não pode ser fechada em si mesma; c) a verdadeira pastoral vocacional deve propor todas as vocações na Igreja e deve ser presença ao longo de todo o processo/itinerário da pastoral juvenil; d) quem reza pelas vocações trabalha para implantar uma verdadeira cultura vocacional; e) os animadores vocacionais devem

¹ Assessora da CRB Nacional no Setor Juventudes e Novas Gerações. Congregação Irmãs Apostolinas juventudes@crbnacional.org.br - Cel.: (61) 98504-0736.

permanecer despertos para poderem despertar os jovens; f) o mundo juvenil não é negativo, mas complexo; g) para Deus nada é impossível, podem nascer vocações em diversos ambientes; h) é necessário que o animador vocacional tenha lucidez, um olhar agudo e de fé sobre a realidade atual e sobre os jovens.

Segundo o papa Francisco, a pastoral vocacional deve ser diferenciada (oferecer respostas); narrativa (testemunhal); eclesial (marco do Vaticano II); evangélica (parte de Jesus e não de propostas individualistas); acompanhada (que acompanha os jovens); perseverante; juvenil. Para tanto, os animadores vocacionais devem ter consciência de que não “existem respostas mágicas” e é necessária uma verdadeira conversão pastoral, que no caso da Vida Religiosa Consagrada trata-se de uma conversão do estilo de vida.

Em sua saudação inicial, Dom João Braz de Aviz, prefeito da Congregação, frisou que “também o trabalho vocacional hoje tem a necessidade de odres novos, pois o desafio do “vinde e vede” permanece. Segundo Dom João, “o que os jovens vão ver? Brigas, pessoas imaturas? Se for isso eles não virão mais! É necessária uma pastoral vocacional que transforme a vida em comunidade, em vida fraterna”. Para Dom José Rodríguez Carballo (ofm), secretário geral da Congregação, a experiência vocacional “parte sempre da dinâmica do encontro com a pessoa de Jesus. Por isso, é necessário menos show e mais encontro”.

Em sua exposição, pe. Timothy Radcliffe (op) enfatizou que o “chamado vocacional é um chamado para VIVER, e a Vida Religiosa Consagrada é uma maneira para dizer sim à VIDA em abundância. Mas, todas as culturas e povos têm diferentes concepções do que seja viver/vida em abundância, e isso é um verdadeiro desafio para a pastoral vocacional”. Um dos questionamentos propostos por ele era: “como podem nossas congregações responder à VIDA, quando temos maneiras tão diferentes de conceber o que é a VIDA? A modernidade teme as diferenças; os membros de uma cultura global têm dificuldades com as diferenças. A dinâmica de abraçar o particular (único, pessoal) é uma dinâmica do Amor de Deus. O amor que a Vida Religiosa Consagrada é chamada a viver é esse Amor”.

Os dias do Congresso foram marcados pela partilha de tantas e diferentes experiências no campo da pastoral vocacional. Foram dias de enriquecimento e crescimento mútuo, que permitiram descobrir que, se o específico da vida consagrada é a dimensão da profecia, também no

horizonte vocacional esta profecia deve ser aquilo que como consagradas e consagrados podemos oferecer aos jovens para ajudá-los a encontrar o Senhor, a amar a própria vocação e a encontrar a sua vocação.

No desenrolar do evento, três jovens consagrados estudantes de teologia na Itália (uma Irmã da Bolívia, um religioso das Filipinas e outro da Alemanha), foram convidados a permanecerem como observadores para, no último dia, apresentar os “horizontes e esperanças” que perceberam.

Estes “horizontes e esperanças”, a partir da perspectiva destes jovens consagrados, foram apresentados em forma de Decálogo da pastoral vocacional na Vida Religiosa Consagrada:

- a Pastoral Vocacional deve levar ao encontro com a pessoa de Jesus, a conhecê-lo em sentido verdadeiro. Para isso, é necessário sair e ir ao encontro dos jovens;
- o animador vocacional deve ser enraizado na Palavra;
- os verdadeiros protagonistas do processo vocacional são os jovens, e estes devem ser desafiados;
- os jovens têm grande sede de Deus;
- a comunidade religiosa deve ser um reflexo da Trindade e fundada na diversidade. Por isso, deve-se passar da vida comunitária para a vida fraterna a partir de um processo de humanização. É importante criar relações fraternas verdadeiras que respeitem a diversidade;
- abramos nosso horizonte comunitário para as outras vocações, deixando-nos formar e enriquecer por outras vocações. Que os jovens sejam livres para escolher;
- deve ser feita uma proposta vocacional com paixão, por pessoas que caminham sobre as pegadas de Cristo. É necessário mostrar a beleza da própria vocação;
- é necessária uma pastoral de conjunto com as pastorais afins e, de forma particular, com a pastoral juvenil;
- a intercongregacionalidade é importante e fundamental no serviço vocacional, que deve ser entendido na perspectiva de uma “rede de carismas”;
- Que haja sempre muita criatividade na pastoral vocacional. É necessário sair de nossos próprios esquemas.

MARIA DE NAZARÉ, PEREGRINA DA TRINDADE MULHER DE RELAÇÕES

IR. HELENA T. RECH, STS¹

Introdução

Gosto muito de contemplar Maria de Nazaré como uma mulher peregrina junto ao seu povo nas idas e vindas a Jerusalém e de relações: junto às mulheres buscando água no poço, com a vizinhança, parentes e amigos. Mulher companheira, atenta, terna, aberta, buscadora, simples. Mulher do cotidiano, mas um cotidiano sem rotina, pleno de Deus e de amor; mulher livre, sem se prender às seguranças, mas movida por trilhas e caminhos que o Deus da vida lhe indicava. Era um cotidiano vigilante, não adormecido. Havia brilho nos olhos, vibração no coração cheio de esperança aguardando com seu povo o Libertador de Israel.

Vamos conhecer Maria de Nazaré em seus relacionamentos e como peregrina, contemplando o que o Novo Testamento, em especial os Evangelhos, descreve sobre Maria de Nazaré.

Convido o/a leitor/a a colocar-se como peregrino/a nas trilhas do Evangelho e descobrir esta mulher surpreendente e dinâmica, terna, peregrina da Trindade.

1 Ir. Helena T. Rech, Religiosa da Congregação das Servas da SSma. Trindade, Licenciada em Filosofia, Teóloga com Mestrado e Doutorado em Espiritualidade, Assessora de Retiros, cursos e outros em nível Nacional, tem livros publicados e CDs de relaxamento. Membro do Conselho Editorial da CRB Nacional.

João Evangelista teve um papel importante na história da religião cristã. Foi um dos principais pregadores do Evangelho de Jesus Cristo através dos escritos “Evangelho de João”, “Cartas de João” e o “livro do Apocalipse”. Além disso, foi a João que Jesus entregou a sua Mãe, quando ao ser crucificado recomendou a ela os cuidados dela como “sua mãe”, conforme Jo 19, 26 -27:

“Quando Jesus viu sua mãe e perto dela o discípulo que amava, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho.” Depois disse ao discípulo: “Eis aí tua mãe”. E desta hora em diante o discípulo a levou para a sua casa.

E foi para a cidade de Éfeso que João, em torno de 37 d.C., levou Maria para morar. A habitação era uma pequena casa de pedra no alto de uma colina.

A história nos diz que Maria era de Nazaré. Uma pequena vila situada na Galileia. Como Maria viveu sua infância, adolescência, juventude e vida adulta? O que sabemos sobre sua vida e relacionamentos é o que os evangelhos descrevem sobre esta jovem mulher, Maria de Nazaré.

Enveredando pelo caminho Bíblico do NT, vamos, em suas trilhas, tentar descobrir como eram as relações de Maria com sua família, com a comunidade, em sua casa, nas romarias, com José e Jesus.

Lucas é o evangelista que mais detalha a respeito da presença de Maria na vida de Jesus. Esse evangelho foi escrito no final do século I. O modo como são narrados os primeiros capítulos de Lucas denota sua preocupação histórico-teológica:

“Assim sendo, após fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio, também eu decidi escrever para você uma narração bem ordenada, excelentíssimo Teófilo”. (Lc 1, 3)

Preocupação histórica, porque quer apresentar às comunidades de seu tempo a veracidade dos fatos; preocupação teológica, quando mostra o aspecto messiânico de Jesus, na condição de Filho de Deus, desde seu nascimento.

Os relatos de Infância, em especial o da Anunciação, buscam fazer com que as pessoas ouçam e leiam a vida de Jesus inserida na história. Nesse contexto, é que aparece a figura de Maria. Em Lucas 1, 26-27 sua identidade é apresentada em detalhe:

“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, que era descendente de Davi. E o nome a virgem era Maria”.

Nome: Maria; Nacionalidade: Nazaré na Galileia; Estado civil: virgem noiva de José, da casa de Davi. Lucas situa Maria entre outros nomes próprios, tanto do passado quanto do presente, não ignora a história.

Nos evangelhos da infância, Lucas identifica Maria em relação à história da Salvação: o sim de Maria não se refere a um chamado apenas individual ou para uma santidade pessoal. Dizendo sim à maternidade, Maria disse sim à obra de seu Filho. E essa obra de seu Filho nada mais é que a salvação de toda a humanidade. É um sim relacional com o Deus Trinitário e com o seu povo que clama libertação.

Aqui podemos perceber como sua relação com Deus Trindade é profunda e a sua resposta é assumida no escuro e sem garantias. Este sim trouxe conseqüências para sua vida. Maria se torna corredentora com o Filho e acolhe n’Ele o Projeto do Pai: libertar e salvar a humanidade. Deixa-se engravidar do amor pleno do Espírito Santo e entrega-se sem reservas ou condições. É um sim despojado “Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). Um sim sem saber onde este caminho poderia levá-la. Simplesmente se faz entrega e disponibilidade peregrina para onde a Trindade a quer conduzir.

Os textos bíblicos destacam o caráter histórico de Maria de Nazaré e sua importância na vida de Jesus: Maria é sempre presente desde o nascimento até a cruz. Presença e relação com Ele, não apenas de “Mãe”, mas de seguidora, discípula junto às outras discípulas de seu Filho; de ouvinte da Palavra; de comunidade que peregrina junto ao seu Jesus por onde Ele passa.

A Vida Religiosa Consagrada, hoje, é convidada a viver relações de entrega e disponibilidade peregrina, no cotidiano vulnerável e imprevisível, na busca constante de ser presença juntos aos pequenos e preferidos do nosso Amado. Presença de escuta, sem pressa, sem internet e celular... mas profundamente conectada com o coração, ouvidos e corpo com Jesus e com os gemidos das periferias, das dores de parto da mãe terra, do descaso para com os idosos, com as crianças em situação de risco. Maria nos ensina a viver sempre conectados/as com a verdadeira fonte de toda relação: Deus Trindade. Fonte que brota do mais profundo de nossa interioridade e nos faz aprendizes

do cotidiano, nas descidas aos becos escuros e sem saída, da fome sem comida, dos olhos já sem o brilho, do sonho perdido ou roubado, do salário ‘mínimo’ e reduzido; de tantos contrastes sociais, desafios e da corrupção generalizada. Somos presença iluminadora e redentora como foi a presença de Maria em sua terra e com sua gente?

Entremos nas trilhas dos Evangelhos para contemplarmos com o coração, o que o evangelista e a comunidade nos falam sobre Maria de Nazaré.

Primeira trilha: quem é Maria em Nazaré

Tem uma família, seus pais são idosos, mora em Nazaré, um vilarejo pequeno e pobre na região da Galiléia. Maria nasce e cresce aí. Não sabemos o sobrenome dos pais, mas a tradição nos diz o nome: Ana e Joaquim. A família é religiosa e freqüenta a Sinagoga, conhece a Palavra de Deus, tem vizinhos, parentes, a prima Isabel. Como adolescente, com certeza, tem seus sonhos, amizades, freqüenta a escola e muito jovem ainda é prometida em casamento a José, um homem justo, temente a Deus e de profissão carpinteiro.

Segunda trilha: Maria mulher peregrina, buscadora

Se contemplarmos os evangelhos, percebemos Maria sempre a caminho e neste caminho sempre em relação. É uma mulher peregrina, pois crer é buscar e entregar-se. E entregar-se é caminhar em busca do rosto de Deus e do rosto dos/as irmãos/ãs. O rosto de Deus de quem Maria se faz peregrina é desconcertante porque é gratuidade. O caminho da busca da face de Deus é um caminho de Fé, “pois sempre partimos em busca de Alguém cuja mão nunca apertamos”. Como peregrinas/os da Fé, nas trilhas de Maria e do povo caminhamos pelo mundo em busca da face do Pai, do Filho e do Espírito Santo, entre luzes e sombras. Assim foi a vida de Maria. Numa viagem turística tudo está previsto e programado nos detalhes. A vida de Maria e, nossa vida itinerante, não é assim. Como caminhante peregrina e seguidora de Jesus, ela percorreu nossas estradas e como nós enfrentou sobressaltos, surpresas, medos, fadigas, interrogações – “o que é isso?”, “como vai ser?”, “e agora, como fazer?”, “não vejo nada!”. Mas, como mulher de Fé e confiante no amor do Pai, Maria se lança sem medo percorrendo com o povo seguidor de Jesus e seus discípulos pelas estradas da Palestina, da Galileia, Judeia, Samaria... hoje até os “confins do mundo”.

Terceira trilha: Visitar os escritos de Lucas e ver Maria sempre a caminho “em saída” e em relação

- **Lc 1, 26-38:** Relação profunda com Deus e seu mensageiro, abertura às surpresas de Deus.
- **Lc 1, 39-45:** Relação de solidariedade e amor com a prima Isabel, saída de si.
- **Lc 1, 46-56:** Relação com os pequenos e oprimidos: em seu cântico profetiza um tempo novo a partir do projeto e da missão libertadora de Jesus, em que “os pobres serão saciados e os ricos ficarão de mãos vazias”.
- **Lc 2, 1-8:** Relação de mãe e esposa num caminho e terra desconhecida. Grávida e nos dias de dar à luz, faz-se peregrina com seu povo, vai até Belém, no total despojamento.
- **Lc 2, 15- 20:** Relação de abertura e acolhida dos pobres pastores que confirmam o messianismo de seu Filho.
- **Lc 2, 36-40:** Relação de Maria e José com dois idosos, Simeão e Ana no templo de Jerusalém, quando apresentam a Deus o seu menino. Maria houve a profecia de que Ele será “sinal de contradição”.
- **Lc 2, 41-52:** Relações de peregrina entre os peregrinos na subida a Jerusalém e volta a Nazaré. Nova relação de Maria com Jesus que declara ter de se “ocupar das coisas do Pai”. Ela pode não ter entendido, mas “guardou essas palavras no seu coração” como um tesouro. O que o anjo lhe anunciou está acontecendo; o que os Profetas anunciaram começa a se realizar.
- **At 1, 12-14:** Maria em sua relação com a comunidade no Cenáculo: discípula com os apóstolos e as outras discípulas de Jesus, aguarda a vinda do Espírito Santo. No Cenáculo sua relação de “mãe” da Igreja nascente. A comunidade nascente confia em Maria e sente-se ancorada com sua presença.

A Igreja, a Vida Religiosa Consagrada, as comunidades cristãs têm em Maria inspiração para construir novas relações humanas, humanizantes e humanizadoras na comunidade, na família, na sociedade, nas relações de poder e de irmandade. Estar sempre “em saída” de si para o encontro com a alteridade.

Quarta trilha: visitar o Evangelho de João - Maria nas relações sociais

- **Jo 2, 1-12:** presença numa festa familiar de casamento. O texto de João diz que Maria já está lá quando Jesus chega (cf. Jo 2, 1). Nesta festa Maria é a mulher da relação e provoca a relação. Está discretamente atenta, à escuta e observa o que falta na festa. Maria percebe a falta de vinho e procura meios para que a festa não acabe e os noivos não fiquem constrangidos. Vive a mística do cuidado e estreita os laços de relação entre os serventes e seu Filho, do mestre-sala e os noivos. Nesta festa sua relação é de mediadora entre os noivos e Jesus. Importante é notar que Maria participa tanto da vida pessoal de Jesus quanto de sua vida pública. Encontramo-la nas festas familiares, como nas Bodas de Caná (Jo 2,1-12). Maria é uma referência fundamental para nossas lutas cotidianas e para a construção de relações mais equilibradas e menos preconceituosas; relações de cuidado, serviço, busca do bem do outro. Saber celebrar e festejar com o outro.
- Nas bodas de Caná Maria aponta para Jesus. Sem Ele não há festa, nem alianças de amor, muito menos “vinho novo”. Jesus é o ‘Noivo’, é o ‘Vinho Novo’. Noivo que vem se “casar” com a humanidade; Vinho novo de um sabor inigualável que dá sentido à vida, alegria à festa. “Sua presença não era presença anônima, mas comprometida; presença expansiva que mobilizou os outros, assim como mobilizou seu Filho a antecipar sua hora.”

Maria é o elo que estreita os laços de relacionamento, dá sentido à festa e a alegria do “vinho melhor” aos noivos e convidados. Será que nós ainda guardamos o “vinho melhor” do “primeiro amor”, das núpcias com o Amado? Sabemos abrir o “odre” de nosso coração e brindar, com ele, na mesa das periferias sociais e existências? Onde guardamos o melhor de nós? Para quem? Para quê?

– **Jo 19, 25-27:** Maria em sua relação com a dor, o sofrimento, a morte. Ela não está só. Tem a presença amiga do discípulo amado, de outra discípula de Magdala, de outras mulheres. E Jesus não a deixa desamparada: “Mulher, eis aí teu filho”, “Eis aí tua Mãe... dessa hora em diante o discípulo a recebeu em sua casa”. Relações que já existiam e ao pé da cruz se reforçam na comunhão com o sofrimento e a morte de Jesus.

Porque estava presente a Deus, Maria fez-se presente nos momentos decisivos de seu Filho, bem como fez-se presente na vida das pessoas. Uma presença que faz a diferença: presença solidária, marcada pela atenção, prontidão e sensibilidade, próprias de uma mãe. Trata-se de uma presença que é “música calada” nos lugares cotidianos e escondidos, que sabe enternecer-se e escutar as inquietações que procedem desses lugares. Uma presença que descobre o próximo no próximo, que sabe resgatar a solidariedade na vida cotidiana. Uma presença que se manifesta na ausência de recompensa ou de interesse próprio. (Pe. Adroaldo)

Sua relação com a dor, o sofrimento e a morte revelam sua humanidade e sua maturidade espiritual. Sua profunda relação com a comunidade e com os apóstolos, discípulos e discípulas. Como mãe sofreu com o assassinato de seu Filho inocente, deve ter chorado e experimentado o “vazio” de sua presença. Mas a comunidade cristã era sua “família”, as discípulas e discípulos de Jesus, suas irmãs e irmãos do cotidiano.

Quinta trilha: Maria em sua relação com a Santíssima Trindade

O título de Nossa Senhora da Santíssima Trindade não é tão novo. Uma estátua de mármore do século XIV, numa pequena capela beneditina (mais tarde franciscana), em Indre (França), traz esse nome.

Mas foi a partir do santuário de Blois (França), elevado à Basílica em 1956, que sua devoção se expandiu.

O histórico de Nossa Senhora da Santíssima Trindade está profundamente ligado à devoção das três Ave-Marias desde o início do 2º Milênio. É do Concílio de Clermont (1095), quando o papa Urbano II recomenda as três Ave-Marias. Há uma longa, significativa e bela história até chegar ao título atual.

Mas é em Blois (França) que, em 1917, Maria passa a ser invocada como “Nossa Senhora da Trindade”. O Pe. Clóvis de Provin, sacerdote Capuchinho, é a quem se deve o fundamento teológico da devoção à Nossa Sra. da SSma. Trindade e a construção de um Santuário, destinado a se tornar um Centro do Culto Marial de N. Sra. da Santíssima Trindade. Este título recebe a aprovação definitiva no “motu proprio” do Papa, em 28 de abril de 1934.

Nosso objetivo aqui não é o histórico deste título significativo dado a Maria, mas refletir o significado teológico deste título na Espiritualidade cristã.

Maria sempre esteve presente na Espiritualidade cristã. Aparecendo sob múltiplos títulos e facetas, Maria é uma figura importante na devoção do povo. Sua posição privilegiada na Igreja e na Espiritualidade é marcada por sua fidelidade à Palavra e ao Projeto Salvífico de Deus Trindade. Em sua relação especial com a Trindade, ela se mostra e é compreendida na teologia espiritual como:

1. **FILHA** predileta de Deus Pai: mulher agraciada que acolhe e realiza em sua vida o projeto de salvação, acolhendo, gestando e “encarnando” em seu corpo de mulher o Filho de Deus Pai. Assim também, cada pessoa batizada na Trindade se compromete a viver como filha/o de Deus Pai-Mãe. Para essa vivência da filiação temos em Maria um modelo de abertura a Deus e de um SIM que transformou sua vida e a vida de toda a humanidade.
2. **MÃE** de Jesus, o Filho amado do Pai: ao mesmo tempo em que é Mãe amorosa e cuida de Jesus menino em todas as suas necessidades, quando Ele cresce, Maria se torna uma fiel seguidora e discípula do Filho. Sempre presente com seu amor, desde Belém (nascimento) até Jerusalém (cruz e ressurreição). Maria nos convida a sermos igualmente discípulas e discípulos de seu Filho Amado, ouvintes da Palavra, seguidores de seus passos, realizando gestos de amor e ternura, gestos libertadores.
3. **ESPOSA** do Espírito Santo: mulher sempre aberta deixa-se tocar e conduzir pelo amor da Divina Ruah. Coração expansivo aberto e à escuta de suas inspirações, é fecundada por sua graça e engravida do seu Amor. Hoje Maria convida cada mulher e cada homem a “deixar-se engravidar” da verdadeira vida, do amor da Ruah e no sopro e sua leveza, gestarem um mundo mais humano e justo, com menos violência, menos desigualdade e pobreza.

MARIA, rosto materno de Deus, mulher trinitária, presença simples e singela no meio do povo, nos revela que viver trinitariamente no mundo é buscar sempre e em tudo o “rosto misericordioso” de Deus Pai que nos aproxima e identifica com Jesus, na constante comunhão do Espírito Santo – elo e amor do Pai e do filho.

Ser presença misericordiosa nos coloca em movimento, no movimento recriador da Ruah.

O canto de Maria é a expressão de todo o seu ser e de sua espiritualidade (cf Lc 1, 46-51)

Na Espiritualidade cristã, Maria dá o seu toque especial. “Se nossa Espiritualidade não tivesse o toque feminino e maternal de Maria, correria o risco de se desumanizar, de perder o seu aspecto afetivo e espontâneo que costuma se revestir...” (S. Galilea)

Maria no Concílio Vaticano II

Sem a pretensão de aprofundar, mas apenas acenar o que a *Lumen Gentium* escreve sobre Maria. Com o Concílio Vaticano II, a devoção a Nossa Senhora da Santíssima Trindade cresceu ainda mais. Não há título que honre melhor Maria, resuma suas eminentes prerrogativas e corresponda tão bem às orientações do Concílio. (Cf. LG, no. 53 e 65)

Efetivamente, a Virgem Maria, que na anunciação do Anjo recebeu o Verbo no coração e no seio, e deu ao mundo a Vida, é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus Redentor. Remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem á todas as demais criaturas do céu e da terra. Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, «é verdadeiramente Mãe dos membros (de Cristo)..., porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça» (173). É, por esta razão, saudada como membro eminente e inteiramente singular da Igreja, seu tipo e exemplar perfeitíssimo na fé e na caridade; e a Igreja católica, ensinada pelo Espírito Santo, consagra-lhe, como a mãe amantíssima, filial afeto de piedade (LG, 53).

Uma palavra final

Maria é uma mulher especial e contemplá-la como Mulher peregrina da Trindade, mulher de relações, sempre “em saída” é um viés da Espiritualidade cristã marial que nos coloca, enquanto consagradas e consagrados, em movimento:

- movimento de descida, pois Jesus, seu Filho, chega sempre com várias pessoas e quer entrar em nossa “casa interior”, quer espaço... (Lc 19, 1-6);
- movimento de saída, pois o “noivo” chega no meio da noite, de surpresa. Não podemos cochilar. Precisamos sair com as lâmpadas acesas e reserva de óleo (Mt 25, 6).

- movimento de derramar o melhor de nós, o nardo puro do nosso amor misericordioso, sem reservar nada. Derramar tudo (Cf. Jo 12, 1-3). Inundar não só a “sala”, mas a vida ferida, machucada, excluída, com o perfume precioso de nossos Carismas e Espiritualidades.
- movimento da sensibilidade e disponibilidade peregrina para “onde Ele nos quer e nos envia”, sem apego e posse a lugares, cargos, pessoas, saberes, pastorais.
- movimento de relativizar nossos problemas e compreender, escutar, dialogar, acolher, incluir, perdoar nossa/o irmã/ão dentro e fora de nossas comunidades, gestando, como Maria, novas relações humanas e humanizantes.
- movimento de desvelar, isto é, tirar os véus que nos cobrem e escondem. Desvelar nosso interior para sermos, como Maria, mulheres e homens transparentes, verdadeiras/os. Imagens do Filho de Maria, o Amado do Pai e único modelo do discipulado. Desvelar-nos para uma vida de despojamento e simplicidade; de contemplação cotidiana e mística do cuidado.

PARTILHE na comunidade: os “movimentos” que a Divina RUAH aponta e Maria nos inspira para uma VRC “peregrina”, de relações inspiradas na Trindade, de olhos abertos à realidade, coração contemplativo e comprometido com o Reino.

SUGESTÃO: a comunidade pode tomar os textos sobre Maria do evangelho de Lucas (terceira trilha) ou a relação de Maria com a Trindade (quinta trilha) para seu Retiro mensal.

Referências Bibliográficas

- BOFF, J. C. (Lina Boff). Maria na vida do povo. Ensaios de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.
- BOFF, L. O rosto materno de Deus. 29. ed. Petrópolis: Vozes. 1979.
- FORTE, B. Maria, a mulher ícone do mistério. São Paulo: Paulinas, 1991.
- JOÃO PAULO II. A mãe do Redentor. São Paulo: Paulinas, 1989. BIBLIA Edição Pastoral.

AVE, MARIA, CHEIA DE GRAÇA!

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

Estamos diante da saudação do anjo a uma jovem simples e humilde de Nazaré. Esta visita do mensageiro de Deus a Maria transmite uma experiência humano-divina transbordante e sublime. A razão e a linguagem humanas, de fato, jamais poderão penetrar o mistério de Deus, nem exaurir sua infinita profundidade. Deparamo-nos com um verdadeiro oceano de amor, bondade, ternura e misericórdia.

Que significa “cheia de graça”? Significa revestida plenamente pela luminosa escuridão do rosto do Pai. Desnuda de si mesmo e repleta pela luz do espírito de Deus. Desnuda não enquanto “vazia”, mas enquanto deliberadamente privada de tudo aquilo que gira em torno dos próprios interesses, instintos, paixões, desejos, projetos pessoais.

Livremente despida de um “ego” centrado em si mesma, para abrir-se a um projeto maior, incomparavelmente maior, a uma outra esfera de vida distinta e cheia de resplendor. Não, definitivamente Maria não se encontra “vazia”. Ao contrário, esvaziou-se ela própria de si mesma para imergir-se no Ser Supremo, que a preenche de sua intimidade três vezes santa. Ali encontra uma paz sólida e silenciosamente plena, inconfundível e inigualável. Assim, a jovem Maria pode “calar seus desejos” e repousar nos braços de Alguém em quem deposita total confiança, “como uma criança desmamada no colo de sua mãe” (Sl 131, 2). Espoliou-se de si mesma para revestirse com um manto que lhe traz calor e refúgio, consolo e conforto, serenidade e essa paz sem nome e sem qualquer grau de comparação.

Nesse processo de despir toda a autosuficiência e arrogância, todo-poder e ambição, sentimentos tão característicos da condição humana,

Maria vai ao encontro de Alguém que a sustente e a proteja. Aprendeu a desconfiar de suas próprias forças, de sua fraqueza e instabilidade, para entregar-se inteira a essa energia amorosa da Trindade Santa que a fortalece contra tudo e contra todos. Trata-se de um processo de oração, um caminho de profunda espiritualidade, onde a jovem descobriu que nós, os humanos, “não sabemos o que convém pedir, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis” (Rm 8, 26).

A imersão nas águas límpidas e transparentes desse grandioso oceano da misericórdia divina é, ao mesmo tempo, um mergulho no mistério ignoto e inculdo de si mesma. Em tal abismo de trevas e luz, de absoluto abandono, Maria se vê contemporaneamente frágil e forte. Ou forte porque capaz de reconhecer a própria debilidade. “E é por isso que me alegro nas fraquezas, humilhações, necessidades, perseguições e angústias por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12, 10).

A oração que pouco a pouco faz entrar no mistério de Deus, ainda que em momentos extremamente intensos, mas sempre fugazes, revela um segredo da mão dupla. Representa simultaneamente dom e busca. Em outras palavras, o Pai se revela como dom a quem o busca com sinceridade e entrega de coração. À medida que semelhante caminho espiritual penetra nesse oceano imenso, divino e misterioso, a pessoa se dá conta de que o próprio Deus lhe vem ao encontro. Ou melhor, o Senhor já a esperava: “Já estou chegando e batendo à porta. Quem ouvir minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo” (Ap 3, 20). São encontros humano-divinos e divino-humanos. Ocorrem com a rapidez instantânea de relâmpagos, onde o brilho da luz é veloz e fugaz. Mas costumam deixar impressa no interior da alma uma marca registrada a caracteres de fogo. A memória dessas experiências fugidias, mas de pura luminosidade, robustece o percurso espiritual, nutre a fé e a esperança, conduz ao outro/pobre na caridade evangélica.

Por isso é que, como resultado dessa trajetória empenhativa, sem dúvida, mas tão cheia de alegria, sublimidade e sabedoria, Maria pode entoar o Magnificat, como quem diante de Deus canta e dança as maravilhas do Criador: “Minha alma proclama a grandeza do Senhor, meu espírito se alegra em Deus meu salvador, porque olhou para a humildade de sua serva. De agora em diante todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque o Todo-poderoso fez em mim grandes coisas, e santo é seu nome” (Lc 1, 46-49).

SOBRE VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA, NOVAS GERAÇÕES E ARTE

IRMÃ LILIAN CRISTINA PINHEIRO, OSF¹

IRMÃO MARCOS ANTONIO DOS SANTOS, FSC²

O título deste artigo talvez não expresse objetivamente o que deseja tratar. A intenção é justamente esta: fazer uma reflexão aberta. Mas reflexão aberta sobre o quê? Bom! Foi-nos solicitado pelo Conselho Editorial desta revista, enquanto Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada (VRC), um artigo sobre “a juventude na VRC: a difícil abertura das estruturas para o novo”. É sobre isto que pretendemos dar uma contribuição. Não queremos dizer, com isso, que imaginemos haver redescoberto a roda. Pelo contrário, nossas experiências em diferentes tempos e lugares são também as de muitos/as outros/as consagrados/as. A “originalidade é a interpretação ou a ênfase própria, a forma individual de combinar o que existe e o que é vislumbrado: a própria definição do que constitui uma ideia” (SANTOS, 2000, p. 12).

Toda ação que fazemos para conhecer algo ou alguma coisa é, na verdade, uma tentativa de conhecer a nós mesmos. De acordo com John B. Thompson (2009), os seres humanos são parte da história, e não apenas observadores ou espectadores. Na mesma direção, o sociólogo

1 Irmã Franciscana de Allegany na Região Brasil. Estudante de Psicologia no Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA. Integrante da Coordenação Nacional das Novas Gerações, representando a Região Centro-Oeste. E-mail: irliliancristina@gmail.com

2 Irmão Lassalista na Província La Salle Brasil-Chile. Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle Canoas). Licenciado em História pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Estudante de Psicologia na Universidade La Salle. Integrante da Coordenação Nacional das Novas Gerações, representando a Região Sul. E-mail: marcos.santos@lasalle.org.br

afirma que “tradições históricas, e a gama complexa de significados e valores que são passados de geração a geração, são em parte constitutivos daquilo que os seres humanos são” (THOMPSON, 2009, p. 360).

Da Vida Religiosa Consagrada

O objetivo da vida religiosa não é a sobrevivência, mas a profecia. O papel da vida religiosa é anunciar a Boa Nova para a época atual, e não preservar um passado perdido no tempo e sem vínculo com o desafio das novas questões (CHITTISTER, 1998, p. 38).

Vivemos uma mudança de época! Essa frase, usada e explorada à exaustão, é ainda a que expressa bem a configuração da sociedade contemporânea. Saiu-se de um mundo estável, sólido, no qual as mudanças demoravam séculos, para uma atualidade na qual as mudanças se impõem de forma rápida. Zygmunt Bauman, o grande pensador da modernidade, em sua teoria social, afirma que estamos vivendo tempos líquidos: amor líquido, medo líquido, modernidade líquida, vida líquida³.

Essa liquidez se refere à descartabilidade das relações, à maleabilidade e às transformações constantes e fluídas, que se adaptam rapidamente ao espaço onde se inserem. Não podem ser detidas, pois o líquido adentra as mínimas rachaduras. Nessa sociedade tudo é também instável. A evolução tecnológica inaugura todos os dias uma novidade que, somada ao sistema do capital, determina que o velho (e velho não é mais aquilo que já existe há muitos anos, mas o que não corresponde ao mais moderno, e o moderno pode durar dias.) precisa ser jogado fora e substituído por outro mais recente. As relações estabelecidas são provisórias, interesseiras e facilmente descartadas. A superficialidade é a marca das relações virtuais (VILLASENOR, sem data).

De outro lado, temos a VRC que, durante séculos, foi marcada pelo seu grande poder e influência social, política e religiosa. Com enormes mosteiros e obras erigidos para durar uma eternidade, regras centenárias e votos perpétuos. Tudo com organizações internas muito bem determinadas e descritas nas constituições. As consequências mais diretas para a VRC dessa mudança de época deram-se nas vocações recebidas e que agora passam a compor os seus quadros. São pessoas de distintas gerações, que emergem de um mundo globalizado e instável nas relações (CENCINI, 2017).

3 Cf. livros do autor publicados no Brasil pela Zahar.

Vivemos numa realidade em que as pessoas não sabem lidar com frustrações, que têm grandes dificuldades nas relações interpessoais, pois estas estão cada dia mais distantes na família e mais próximas no mundo virtual, cujos valores de consumo estão entranhados de tal forma que é difícil de serem reconhecidos como tais. Já no que concerne à praticidade e à agilidade, as novas gerações suplantam as tímidas iniciativas das gerações passadas. O desafio das congregações agora é: como lidar de forma assertiva com as mudanças sociais constantes, sem perder o que é de fato o mais importante: o carisma.

Nesse contexto observa-se, de um lado, um endurecimento institucional hierárquico, voltado para as regras, como forma de vivência dos valores evangélicos e que devem ser seguidas com esmero, buscando deixar no “mundo o que é do mundo”. Nesse modelo os novos membros devem despir-se de tudo o que viviam em sua vida anterior para mergulhar por completo na vida nova em Jesus Cristo. Do outro lado, nota-se a busca por uma inserção nessa modernidade líquida, sem perder o que lhe é mais caro enquanto VRC: as regras, a vida comunitária, os votos perpétuos, o carisma, etc. Aqui se busca trabalhar com os novos membros dos Institutos de forma que possam comparar e discernir os valores recebidos da sociedade com os valores da congregação. No entanto, nessa segunda forma, o que se observa é o surgimento de uma grande ambivalência e ansiedade, pois ainda não se alcançou o necessário equilíbrio que tenta juntar dois mundos de valores tão diferentes. A consequência da presença desses dois modelos, na missão da VRC, é a dificuldade em ler quais são os “sinais dos tempos”, para que se possa dar respostas adequadas aos gritos do povo de nossa época. Há um “superávit” de documentos e normas e um “déficit” de mística e profecia.

Das Novas Gerações

Etariamente falando, a UNESCO, desde 1985, define a juventude como a fase que vai de 15 a 24 anos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a classifica identicamente, e o Estatuto da Juventude (EJ), instituído no ano de 2013, considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos. No entanto, partindo de uma abordagem sociológica, não se pode classificar a juventude somente por faixa etária. Cada pessoa não está numa fase, mas passa por ela, não se é jovem, se está jovem. Tomamos por base aqui a perspectiva de que as trajetórias dos jovens e seus percursos de transição são diversificados e heterogêneos (CARDOSO; MELO, 2014).

Na sociedade das realidades líquidas, em constante mudança, tendemos a reconhecer a existência de inúmeras culturas juvenis, formadas a partir de variadas inserções sociais e interesses. Assim torna-se importante compreender a concepção de juventude como uma construção social. É preciso ter em conta a multiplicidade de contextos sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos nos quais a juventude está inserida, pois estes marcam suas experiências e subjetividades. Essa perspectiva nos possibilita entender a diversidade dos jovens na sociedade contemporânea. Por isso, já não se fala em “juventude” como um bloco único, mas em “juventudes” e suas múltiplas etiologias, configurações e especificidades (CARDOSO; MELO, 2014).

São os/as jovens e adultos, formados/as nos contextos das múltiplas realidades sociais que chegam em nossas congregações. Seja por encantamento com um determinado carisma. Seja por uma busca de saída de um mundo angustiante de transformações rápidas e de incertezas constantes. Seja para encontrar um lugar sólido onde se fixar. No entanto sua primeira motivação só será significativa à medida que as estruturas se abrem suficientemente para acolhê-los e dar-lhes razões convictas para permanecerem e assumirem a missão de ser luz no mundo.

Em 1997, a Confederação Caribenha e Latino Americana de Religiosas e Religiosos (CLAR) assumiu como linha inspiradora “O Mundo dos Jovens”. Desde 1999, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) passou a olhar e abrir o coração para a juventude da VRC e publicou, em sua “Coleção de Cadernos da CRB”, o instrumento de trabalho “O Mundo dos Jovens”. E nesse mesmo ano de 1999 a CRB Nacional assumiu a prioridade: “Juventude e Futuro”. Em 2001, na XIX Assembleia Geral Ordinária, os participantes assumiram como marco dinamizador da caminhada da CRB de 2001 a 2004 “A abertura às interpelações das Novas Gerações em sua diversidade cultural”. Nessa época, o grande grito dos jovens dentro da VRC era obterem espaço de manifestação de ideias e reconhecimento enquanto sujeitos que assumiram os carismas das congregações, mas também queriam atuar efetivamente nas reflexões e tomadas de decisões, não só como “mão de obra”. É também nesse momento que se passou a falar de Novas Gerações da VRC com um caráter mais antropológico, no sentido de que cada geração – como grupo determinado – encontra seu lugar e tem sua função; não só na geração de vida, mas na construção comum do sentido, dentro da história concreta de um povo particular.

A partir de então, a Coordenação Nacional das Novas Gerações começou, em conjunto com a Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional, a preparar um Seminário Nacional por meio do qual se buscava abrir espaço para maior conhecimento das juventudes e suas demandas. O pano de fundo aí era entender o relacionamento entre as gerações e a questão da juventude, suas interpelações, o desafio das diferentes culturas juvenis, o descompasso entre as gerações e a evidência de uma certa instabilidade dos jovens na VRC, além do desejo de abertura às novas gerações e da compreensão das mudanças culturais. Em 2004, a CRB Nacional definiu então como prioridade “Assumir as interpelações das Novas Gerações em seus dinamismos, exigências e potencialidades”. Hoje, 14 anos depois, temos realizado três Congressos Nacionais das Novas Gerações e organizado diversos núcleos articulados por todo o país, que funcionam como um espaço de vivência, partilha, estudo e confirmação da opção fundamental para religiosos/as de até 10 anos de votos perpétuos.

Para que uma geração possa formar sua “consciência geracional”, identificando-se como pertencente a determinada geração, é necessário voltar-se para esse processo histórico de formação da subjetividade até chegar ao tempo atual. É preciso conhecer o “antes”, saber quais eram as características das gerações que lhe antecederam, para assim definir-se enquanto semelhanças e diferenças. Esse olhar deve ser marcado não pela visão de superação do ultrapassado, mas de avaliação do positivo e do que precisa ser melhorado. E deve ainda ser consciente de que haverá um “depois”, que a vida continuará para além de sua própria experiência e que a liga com as gerações que a antecederam e a sucederão. É preciso saber que a história pessoal é construída dentro de uma história maior e em curso permanente. Cada geração precisa estar profundamente consciente dessa temporalidade histórica, a fim de que não fique arraigada no seu tempo a ponto de impedir a sua própria constituição. Outro ponto que essa consciência geracional proporciona é o contato profundo com o tempo da vida, que possibilita o entendimento da experiência (passar através de) vivida por todas as pessoas individualmente e que promove a formação da autoimagem (LECCARDI, 2005).

Nesse sentido, gostaríamos de voltar a atenção para as relações intergeracionais tecidas dentro de nossas Comunidades Religiosas. O que muitas vezes se observa são grupos apegados às características próprias

de sua geração e na defesa de ser esse o melhor e único jeito de ser e de fazer. E não poucas vezes, dentro de nossa estrutura hierárquica, pessoas são submetidas a essa forma única. Falta-nos a consciência e o olhar histórico que facilitam a acolhida ao diferente, ao novo.

E nossas casas de idosos/as (e aí já surge a pergunta: por que casa de idosos/as e não casa com idosos/as?): inúmeras vezes com tudo de material necessário para suprir as necessidades dos religiosos e religiosas adoecidos/as, com limitações físicas e mentais e de idade avançada, mas sem a presença significativa dos irmãos e irmãs. Quantas vezes paramos nossas atividades para visitá-los, cuidar deles, escutá-los? Conhecer suas histórias? Seus valores? Sua colaboração para com a propagação do carisma congregacional? Os jovens e as jovens em formação inicial sabem de cor e salteado a história dos fundadores e da fundação, mas muito pouco conhecem da história recente que os antecedeu e pouco partilham suas próprias ideias, valores, objetivos. Algumas vezes, por medo do julgamento e da falta de acolhida, outras vezes simplesmente por acharem que são melhores que aquelas já superadas. Nesse ciclo todos saem perdendo.

Da arte

“A arte existe porque a vida não basta”. A frase de Ferreira Gullar é simples e enigmática. Na visão do poeta e célebre crítico de arte, a arte é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer, a arte cria um outro mundo, mais bonito, intenso, significativo ou mais ordenado por cima da realidade imediata.

Segundo o autor, a arte revela-nos que as coisas não são apenas o que se vê. Elas dizem mais do que demonstram na sua anônima mudez. A arte quer romper a individualidade, os limites, as fronteiras porque sabe que tudo é mais do que aparenta ser. Ela é expressão de humanidade, e cada coisa é expressão do universo.

E o universo é uma infinidade de coisas, seres e atos. A arte quer mostrar que cada coisa está ligada a todas as outras e que ela é parte desse todo, “eis por que renunciar à criação estética é optar por não inventar a vida melhor do que ela é, mais rica do que nos parece. Renunciando à arte, o homem não ganha nada, só perde” (GULLAR, 2015, p. 55). E eis por que um Papa afirma que a arte “é um meio formidável para abrir as portas da mente e do coração. A criatividade

e a genialidade dos artistas, através das suas obras, conseguem alcançar os registros mais íntimos da consciência” (FRANCISCO, 2017).

No Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro-RJ, a exposição principal foi desenvolvida com base em uma concepção curatorial de Luiz Alberto Oliveira, físico com doutorado em cosmologia e pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

A exposição ocupa o 2º andar do Museu. O público é levado a percorrer uma narrativa estruturada em cinco grandes áreas: Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós que, juntas, somam mais de 40 experiências disponíveis em língua portuguesa, espanhola e inglesa. Durante o percurso, vêm à mente questões como: Quais as dimensões da nossa existência? Como chegamos até aqui? Que futuro desejamos? Como e onde vamos viver? O amanhã começa agora (com as escolhas que fazemos)? O hoje é o lugar da ação? Qual será o nosso legado para as próximas gerações?

No último ambiente da exposição, com inspiração em uma oca indígena, mais de mil lâmpadas mudam de cor para trazer à lembrança o nascer e o pôr do sol. Ao centro, o visitante encontra um churinga. Este é um artefato dos aborígenes australianos, de aparência enigmática, que, na verdade, é uma ferramenta. Contudo, não serve para furar ou cortar: trata-se de um utensílio simbólico. Serve para aquele povo e muitos outros como uma ferramenta temporal, para associar o passado ao futuro. Os saberes das gerações passadas que são legados às futuras. O churinga representa, assim, a própria continuidade do povo e de sua cultura.

No contexto da VRC, é inevitável a comparação com o termo gaélico grieshog que a Irmã Joan Chittister nos apresenta em seu livro *Fogo sob as cinzas*. Grieshog se refere ao costume de acender novas fogueiras utilizando as brasas preservadas de uma velha fogueira. Conforme explica:

Em gaélico, o termo se refere ao processo de enterrar brasas vivas sob as cinzas à noite para preservar o fogo para a manhã seguinte. Em vez de limpar e esfriar a lareira, as pessoas preservam durante toda a noite os carvões em brasa sob as camadas de cinzas para dispor de calor logo no começo do dia seguinte. Este é um processo muito importante. Caso contrário, se a brasa se extinguir, será preciso preparar e acender um fogo novo, um exercício que leva um tempo precioso e atrasa as tarefas mais importantes do novo dia. A grande preocupação será, portanto, não permitir que o fogo se apague completamente ao fim do dia. Ao contrário, as brasas escondidas sob as camadas de cinzas durante a longa e tenebrosa noite deverão ser zelosamente mantidas, para o

fogo voltar à vida assim que a manhã nascer. O fogo antigo não se extingue; ele conserva seu calor para poder estar preparado para acender uma nova fogueira (CHITTISTER, 1998, p. 48-49).

Assim, partindo do contexto de transmissão de valores aos membros mais novos, nos colocamos a estudar e refletir sobre a VRC hoje e a configuração das relações interpessoais onde essa transmissão se dá.

Um futuro aberto

É evidente que a vida religiosa se encontra hoje no umbral de um futuro enormemente aberto, cheio de riscos e promessas. Apenas uma renovação a um só tempo muito lúcida e muito profunda, que irá exigir – que está exigindo – altas doses de generosidade e coragem, poderá situar-se à altura de tão grande desafio (TORRES QUEIRUGA, 2003b, p. 51).

As estruturas destacam a obediência; o novo enfatiza a necessidade de afirmação e encorajamento das Novas Gerações para continuarem seu seguimento apaixonado e audacioso de Jesus de Nazaré, que curava no sábado (cf. Mc 3,1-6; Mt 12,9-14; Lc 6,6-11.13,10-17.14,1-6).

Temos consciência de que “a autêntica fecundidade não é sempre a do fruto; ao contrário, em determinadas estações, pode sê-lo muito melhor a semente que germina na obscuridade. Como o grão de trigo na terra. Como o Crucificado na história” (TORRES QUEIRUGA, 2003a, p. 67). Nossos atos, por menores que pareçam, são capazes de transformar o mundo. Se estivermos em comunhão em nossas diferenças, seremos uma ponte para o futuro. Em algum lugar do mundo está sempre amanhecendo. Cada amanhecer é sempre o mesmo e também sempre diferente. Cada um de nós faz o seu Amanhã. E juntos fazemos o nosso (os Amanhãs que sonhamos).

Todo o trabalho realizado no processo de reconhecimento e escuta da presença das Novas Gerações dentro da VRC possibilitou abertura em alguns sentidos. Motivados também pela diminuição das vocações e envelhecimento das lideranças, pouco a pouco as instituições foram abrindo espaço para esses membros mais novos na caminhada. Suas reflexões, somadas à experiência daqueles que têm mais tempo de caminhada, possibilitaram avanços de trocas e partilhas. Porém, é necessário ainda, por parte de muitos, reconhecer não só a mão de

obra desses jovens que, por um lado, vêm de um mundo líquido e de relações fragilizadas, e talvez por isso anseiem por serem protagonistas de uma nova sociedade. Querem construir juntos, desejam ser ouvidos e precisam aprender a ouvir. É preciso formar nossa “churinga”, que transmitirá de gerações a gerações o carisma a ser reinventado, com fidelidade criativa.

Se a mudança de tempos nos proporciona uma enorme criatividade, não seria hora de vermos a VRC como uma arte? E a nossa consagração como algo que vai além das nossas limitações humanas, mas é capaz de ir ao encontro do outro e tocar-lhe o coração? Talvez seja simplório esse modo de ver, mas no mundo das relações líquidas são as relações sólidas (interpessoais, intrapessoais e com Deus) e profundas as mais desejadas. São elas que fazem com que os novos membros reconheçam a importância das cinzas e queiram fazer seu grieshog.

Terminamos com as sábias palavras de Milton Santos: “Ficar prisioneiro do presente ou do passado é a melhor maneira para não fazer aquele passo adiante, sem o qual nenhum povo se encontra com o futuro” (SANTOS, 2007, p. 161).

Questões

1. Medite sobre a seguinte citação: “O desafio das congregações agora é: como lidar de forma assertiva com as mudanças sociais constantes, sem perder o que é de fato o mais importante: o carisma”. Quais são as implicações que esta afirmação pode ter para o futuro?

2. “A juventude na VRC: a difícil abertura das estruturas para o novo”. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

3. Sua Comunidade Religiosa assume a arte como “um meio formidável para abrir as portas da mente e do coração”? Em breves palavras, explique a visão de sua Comunidade sobre a arte.

- CARDOSO, L. F.; MELO, M. A. S. S. Uma abordagem sociológica do conceito de juventude – ou seria...jovens e juventudes? In: FEPEG, Montes Claros: Unimontes, 2014.
- CENCINI, A. Fraternidade consagrada: rumo a um novo modo de estar juntos/as. In: SEMINÁRIO RELAÇÕES HUMANIZADORAS E SOLIDÁRIAS, Brasília: CRB Nacional, 2017.
- CHITTISTER, J. Fogo sob as cinzas: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea. São Paulo: Paulinas, 1998.
- FRANCISCO, Discurso aos artistas e organizadores do Concerto de Natal, no Vaticano (15 de dezembro de 2017).
- GULLAR, F. Autobiografia poética e outros textos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. Cultura posta em questão. Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006a.
- _____. Sobre arte, sobre poesia: (uma luz do chão). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006b.
- JIMÉNEZ, A. Ferreira Gullar conversa com Ariel Jiménez. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- LECCARDI, C. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005.
- SANTOS, M. O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.
- _____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- THOMPSON, J. B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TORRES QUEIRUGA, A. Fim do Cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte. São Paulo: Paulus, 2003a.
- _____. Pelo Deus do mundo no mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa. São Paulo: Loyola, 2003b.
- VILLASENOR, R. L.. Desafios da Vida Religiosa Consagrada hoje. Missionários Xaverianos, sem data. Disponível em: <<http://www.xaverianos.org.br/desafios-da-vida-religiosa-consagrada-hoje/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ E A NOVA PARÓQUIA COMO LUGAR DO DESPERTAR VOCACIONAL

FREI JOÃO FERNANDES REINERT, OFM

A urgência da iniciação à vida cristã

Iniciação à vida cristã se converte, hoje, num dos principais desafios pastorais que a nova evangelização é convocada a priorizar. Transmitir a fé a uma geração em que já não é mais óbvio ser cristão e tornar essa fé amadurecida e consciente é, sem dúvida, o grande desafio pastoral da atualidade e, ao mesmo tempo, a grande oportunidade para a concretização de um novo estilo evangelizador, caracterizado pelas marcas do querigma e da mistagogia. Desafio, porque vivemos em meio a uma crise religiosa, na qual a indiferença ante o sagrado e a instituição religiosa cresce sempre mais. Ofertas de um cristianismo líquido aumentam ainda mais esse mal-estar religioso. Desafio, porque há uma multidão de iniciados tão somente nos sacramentos, filhos de uma catequese de crmandade, incapaz de iniciar existencialmente na vida cristã e gerar experiência de Deus.

Contudo, onde está a fraqueza, aí se encontra também a potencialidade. A mudança de época vem tornar público, ao conhecimento de todos, que se transforma aquele modelo de ser cristão caracterizado, há séculos,

1 Frei João Fernandes Reinert.

Professor do Instituto Teológico Franciscano ITF e Pároco da Paróquia Santa Clara de Assis.
Endereço: Rua Batista de Oliveira, Q. 68, L. 04. CEP: 25265-260 – Duque de Caxias-RJ.

muito mais pelo costume e pela tradição do que por uma opção consciente. Por isso mesmo, iniciação à vida cristã apresenta-se, hoje, como oportunidade única à evangelização, desde que o processo catequético se estruture a partir da dinâmica da atração, com renovada centralidade da experiência e do encontro pessoal com Jesus Cristo. O momento atual se apresenta propício à apresentação da fé cristã, à iniciação e reiniciação à vida cristã. Se cada vez menos se é cristão por tradição, então é urgente um projeto pastoral que invista em itinerários iniciáticos, que ajude no processo do tornar-se cristão, no ser adulto na fé, o que não tem sido a tônica da pastoral da manutenção. Nesta perspectiva, iniciação à vida cristã deixa de ser compreendida como mais uma pastoral e se converte em dimensão transversal da evangelização, compromisso de todas as atividades eclesiais. A tão sonhada conversão pastoral passa por essa nova consciência iniciática. Juntamente com o ‘como’ da iniciação, ou seja, o investimento na inspiração catecumenal, urge repensar com urgência o ‘quem’ da iniciação, isto é, a quem compete o compromisso de gerar novos filhos na fé. Com outras palavras, falar de iniciação à vida cristã significa ressignificar a pastoralidade, as estruturas eclesiais, os pressupostos pastorais e tantas outras dimensões da nova evangelização.

Inspiração catecumenal, um patrimônio antigo e sempre atual

A conversão pastoral, para ser mais rapidamente concretizada, necessita de referências missionárias. Tão importante quanto denunciar as expressões de manutenção pastoral é apontar caminhos, descobrir e visitar as inspirações existentes para a concretização de uma nova etapa evangelizadora. A Igreja resgata uma metodologia, uma inspiração, um paradigma evangelizador de iniciação à fé, denominado catecumenato, datado do início do cristianismo, num contexto parecido com o de hoje, em que cristãos não nasciam, mas se tornavam. O catecumenato é fonte de inspiração para a conversão catequética, e mais do que isso, converte-se em manancial inspirador para a conversão da pastoralidade, por ter algo a dizer ao ser e agir da Igreja nas suas mais diversas expressões.

A restauração do catecumenato situa-se dentro do aggiornamento eclesial promovida pelo Concílio Vaticano II, ou mais especificamente, do inegável avanço catequético e litúrgico dos últimos anos. Em 1972 é publicado o RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos), livro litúrgico do catecumenato. São, portanto, mais de 40 anos de tentativa e esforço de fazer acontecer a riqueza dessa proposta de formação à

vida cristã. Contudo, esse novo paradigma de iniciação à vida cristã consiste ainda um enorme desafio pastoral, sobretudo porque somos herdeiros de um paradigma catequético infantil, marcado pela ênfase no doutrinal e na explicação racional, com enorme déficit de experiência de Deus, ou seja, déficit mistagógico.

A metodologia catecumenal apresenta-se como inspiração evangelizadora mais eloqüente da atualidade. Nela estão envolvidos diversos elementos teológico pastorais, necessários ao despertar da fé e ao desenvolvimento da vida cristã. Na metodologia de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal estão presentes seus elementos estruturantes, os tempos e etapas que marcam a progressividade do processo iniciático, a linguagem querigmática e mistagógica, os vários ministérios, os pressupostos pastorais, a clareza do que é iniciação à vida cristã, enfim, um conjunto fundamental de elementos relativos ao integral processo de formação de discípulos missionários, sem os quais não há o que de mais precioso pretende o catecumenato, ou seja, a iniciação, a imersão no mistério de Jesus Cristo.

Desde as suas origens, o catecumenato se entende como uma caminhada de fé, um itinerário de introdução e aprofundamento no mistério de Jesus Cristo e da comunidade eclesial. A estrutura catecumenal está organizada a partir dessa auto-compreensão, ou seja, se ele se entende como caminho de introdução no mistério de Cristo e da Igreja, então seus elementos pastorais revelam essa disposição: tem-se clareza de onde se parte e onde se pretende chegar.

A consciência do objetivo do percurso da iniciação é constitutiva da identidade catecumenal. Não se trata de uma corrida inconseqüente na busca dos sacramentos, mas de um itinerário percorrido conscientemente em vista do tornar-se adulto na fé e no discipulado missionário de Jesus Cristo; os tempos e as etapas, com seus objetivos específicos, os ritos de passagem, a gradualidade do processo, enfim, cada dimensão da metodologia catecumenal confirma a afirmação de que o catecumenato é um percurso consciente e gradual de maturação à vida cristã.

Percurso remete à progressividade, processo, duração, passos sucessivos. O itinerário da iniciação cristã catecumenal é gradual, marcado por tempos e etapas, no respeito ao tempo, à abertura e ao ritmo daquele que é o protagonista da caminhada, isto é, o catecúmeno. Os tempos do percurso catecumenal são: 1) pré-catecumenato, tempo voltado à primeira evangelização, tempo do primeiro anúncio, da Boa

Notícia, dos primeiros contatos com a comunidade cristã; 2) catecumenato, direcionado à catequese integral, à prática da vida cristã, ao testemunho de fé, ao exercício da vida cristã, ao aprofundamento da primeira adesão a Cristo; 3) purificação ou iluminação, destinada à maior interiorização, à maior conversão, à preparação mais intensa à celebração dos sacramentos; 4) mistagogia, tempo para progredir no conhecimento do mistério pascal, novas experiências e explicações do mistério pascal, tempo para discernir os carismas, para aprofundar o mistério da vida nova de batizados e de seguimento a Cristo.

Querigma e mistagogia são, resumidamente, os alicerces da estrutura catecumenal. Encontro com Jesus Cristo é o ponto de partida e o ponto de chegada da iniciação à vida cristã; e se é encontro, então é mistagógico. Mistagogia é a condição necessária para que esse encontro se realize, não apenas na mente, mas acima de tudo no coração e na existência; não apenas no plano das idéias, mas fundamentalmente na vida.

Renovação paroquial e consolidação catecumenal: uma relação dialética

Por mais rica que seja a inspiração catecumenal, sua realização requer uma série de conversões. É preciso que as estruturas se tornem catecumenais, que a comunidade se volte para a iniciação e se deixe gerar pelo catecumenato. Sem uma nova eclesiologia, sem conversões estruturais, parece ser extremamente difícil a concretização da inspiração catecumenal. É da paróquia, sobretudo, que se espera uma conversão estrutural para que o catecumenato tenha espaço e para que ela, a paróquia, seja casa da iniciação.

Por outro lado, chama a atenção a relação dialética que existe entre o processo de conversão estrutural, sobretudo o da paróquia, e a consolidação da metodologia catecumenal. A paróquia renovada é fundamental para a efetiva prática da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, e ao mesmo tempo a inspiração catecumenal é capaz que impulsionar as conversões pastorais e estruturais da paróquia. Dito diferente, um novo perfil paroquial é condição necessária para que o projeto de iniciação catecumenal seja levado a cabo e que seus elementos teológico-pastorais não fiquem arquivados nas páginas do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos. Onde estão, contudo, tais comunidades renovadas? Não se pode cair no círculo vicioso, no sentido

de que se não há comunidades ideais, não haverá catecumenato, ou porque não há catecumenato totalmente consolidado, não chegamos à conversão paroquial.

A lógica do raciocínio é outra. Resgate catecumenal e revitalização paroquial se realizam simultaneamente. O investimento no catecumenato, a nova consciência iniciática, a entrada de novos catecúmenos na comunidade, a riqueza dos ritos e das celebrações catecumenais modificam a vida paroquial e a enriquece; e à medida que a paróquia se revitaliza, ela se torna sempre mais propensa a acolher a proposta catecumenal. Recorda Aparecida que “uma comunidade que assume a iniciação cristã renova a sua vida comunitária e desperta seu caráter missionário” (Dap, 291). A iniciação à vida cristã catecumenal será tanto mais efetiva à medida que houver uma reconfiguração eclesial adequada, do mesmo modo que uma iniciação catecumenal com qualidade, na riqueza de seus elementos pedagógicos, litúrgicos e pastorais, lançará luzes para o institucional paroquial repensar sua configuração. O catecumenato implantado será promotor de mudanças estruturais; lançará luzes à renovação paroquial, assim como o catecumenato não é algo já dado, consolidado, mas a ser construído. Se um novo perfil de comunidade paroquial é essencial para a iniciação cristã catecumenal, esta por sua vez é fonte de revitalização paroquial porque sua pedagogia mistagógica lança luzes para repensar dimensões essenciais da vida paroquial.²

O lugar da animação vocacional na iniciação à vida cristã

A renovação catequética das últimas décadas, dentro do qual se situa a redescoberta da inspiração catecumenal, tem recuperado o significado teológico pastoral da iniciação à vida cristã, que não quer ser mera preparação aos sacramentos, mas mergulho existencial e sacramental no mistério de Jesus Cristo e da comunidade de fé, através de um itinerário, de um percurso de formação de discípulos missionários, cujos sacramentos sinalizam e sustentam essa forma de vida. Em linguagem vocacional, iniciação cristã significa iniciação na vocação à vida cristã. É essa, sem dúvida, a primeira e a maior de todas as vocações, a partir da qual, e somente a partir da qual se pode falar de vocações específicas, de dons e carismas.

2 Para um aprofundamento sobre como se dá concretamente a relação dialética entre inspiração catecumenal e renovação paroquial confira: REINERT, João Fernandes. Paróquia e Iniciação Cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015.

Iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal é o processo através do qual a pessoa, a partir do anúncio do querigma (tempo do pré-catecumenato), se descobre vocacionada a se tornar cristã. O itinerário catecumenal assume o compromisso de apresentar a pessoa de Jesus Cristo, ajuda o vocacionado a ouvir o chamado de Deus, auxilia na permanente resposta a esse chamado, no amadurecimento, aprofundamento e vivência (missionariedade) da vida cristã. Iniciação à vida cristã deve ser entendido, portanto, como um genuíno trabalho vocacional, uma pastoral vocacional, por demais importante na atualidade, em que cristãos não nascem mais, mas se tornam. Investir na iniciação à vida cristã, num encontro pessoal com Jesus Cristo, no tornar-se adulto na fé, é a principal tarefa da nova evangelização. Tal tarefa deve se entendida, vale a pena repetir, como genuína pastoral vocacional. Por muito tempo, nascia-se cristão. A vocação à vida cristã era transmitida pelos alicerces sócio-culturais. Na maioria das vezes se era cristão sem saber ao certo o porquê. Hoje, oportunidades enormes se apresentam para uma reflexão mais aprofundada sobre a teologia da vocação à vida cristã.

Somente a partir do aprofundamento da teologia da vocação à vida cristã tem sentido falar das vocações específicas. O divórcio entre iniciação à vida cristã e as vocações específicas tem sido uma das lacunas que a pastoral vocacional e a catequese têm cometido. A presença da pastoral vocacional (PV) junto ao processo da iniciação à vida cristã tem sido tímida, para não dizer ausente. O Documento 107, da última assembléia dos bispos do Brasil, afirma, no número 153, ao falar da organização catequética, que “a comissão não poderá ficar restrita ao âmbito da catequese, mas efetivamente abranger o conjunto da comunidade paroquial”³. Chama a atenção o leque de sujeitos chamados ao envolvimento no projeto da iniciação. A partir dessa perspectiva, contribuição mútua pode haver entre a pastoral catequética e a Pastoral Vocacional à medida que esta estiver presente no percurso catecumenal de crianças, jovens e adultos. Ambos se enriquecerão; ambos têm elementos a oferecer e a receber, a partir do seu específico. A pastoral vocacional junto à catequese de inspiração catecumenal poderá fazer seu trabalho vocacional a partir de uma base consistente, de um fundamento sólido. Maturidade cristã e maturidade vocacional andam de mãos dadas. As diversas vocações específicas nascerão, passarão pelo

3 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Texto aprovado pela 43ª Assembléia Geral, em Aparecida. (Documento da CNBB 107), 153.

processo de discernimento a partir, portanto, do núcleo central da fé cristã, de Jesus Cristo, do querigma. Quando não se é iniciado, quando não se ouve a voz do querigma (catecumenato – fazer ressoar a voz que vem do alto), dificuldades consideráveis serão encontradas para ouvir o chamado a uma específica forma de vida. Vocações imaturas, sejam elas religiosas, sacerdotais, matrimoniais, podem ter como uma das causas principais um déficit de iniciação à vida cristã. Se a vocação à vida cristã não for bem realizada, estarão comprometidas as vocações específicas.

O processo de iniciação de inspiração catecumenal, por sua vez, será enriquecido com a presença da Pastoral Vocacional por tornar evidente que a vocação à vida cristã desemboca em uma determinada vocação específica. A vocação comum a todos, a vocação à vida cristã conduz a um convite que o próprio Deus faz a cada ser humano em particular para realizar uma missão.

As mediações do despertar e do discernimento vocacional: paróquia renovada e consolidação catecumenal a serviço da animação vocacional.

Vocação é o chamado de Deus a cada ser humano a uma forma de vida em vista da construção do Reino. Deus desde sempre chama por meio de pessoas, acontecimentos, fatos. Já desde o Primeiro Testamento são abundantes os relatos do chamado de Deus, sempre através de mediações humanas, o que não significa que é simples ouvir, discernir a voz do chamado. E hoje, mais do que nunca, os ruídos da cultura da distração dificultam ouvir Deus chamando. Pessoas iniciadas na fé, ou em processo de iniciação, estão mais propensas a dar uma resposta mais consciente ao projeto de amor que a Trindade tem reservado a cada ser humano em particular. Adultos na fé, ou seja, pessoas iniciadas e evangelizadas, a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo, têm mais facilidade em descobrir seu lugar no mundo e nos planos de Deus. Nesta perspectiva, a inspiração catecumenal é, por excelência, uma mediação pastoral a serviço do chamado divino, um serviço ao despertar e ao discernimento vocacional.

Se acreditamos que toda vocação é um chamado pessoal de Deus, conclui-se que estar em comunhão com ele, ser iniciado, fazer a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo é condição necessária

para ouvir a missão/vocação que Ele reserva a cada um de seus filhos. Contudo, não se pode mais pressupor que os vocacionados de hoje já tenham uma experiência pessoal com Jesus Cristo, que já tenham ouvido a voz do querigma. Resulta disso, e mais uma vez insistimos, a necessidade da catequese e pastoral vocacional trabalharem juntas.

A pergunta a ser posta com seriedade na atual reflexão é pelas conseqüências da pressuposição da voz já ressoada na vida dos cristãos, compreensão essa muito presente na pastoral de manutenção. Quais as lacunas deixadas por pressupor a experiência de encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, quando na realidade não poucos possuem tão somente uma noção de Deus? Não seria essa pressuposição uma das causas da atual crise de fé? Faltou-lhes por vezes a base sólida, qual uma casa construída sem os devidos alicerces. A opção religiosa sem os devidos fundamentos sentirá mais cedo ou mais tarde os abalos, e tudo indica ser isso o que estamos assistindo na atualidade com a assim chamada crise religiosa. Se é correto afirmar que a crise de fé acompanha uma crise antropológica, parece não ser infundada a afirmação de que a crise de fé é acompanhada por uma crise de pastoral ou de pressupostos pastorais.

Independentemente de qual seja a realidade religiosa do iniciante, o processo de iniciação com inspiração catecumenal leva em consideração a necessidade de um tempo específico para a (re)descoberta da fé. No percurso catecumenal existe um tempo para redespertar o interesse por caminhar, para colocar-se a caminho, para conhecer os primeiros passos da estrada do cristianismo. Trata-se do tempo do pré-catecumenal, período fundamentalmente importante, que de modo algum deve ser omitido (RICA, 9), mas que, contudo, na pastoralidade e sobretudo na pastoral catequética é geralmente dado por já percorrido, cujas conseqüências negativas à maturação da fé são profundas. Alguns exemplos podem nos ajudar. Aos noivos que pedem o sacramento do matrimônio, não se pode imaginar que façam tal pedido motivados primeiramente pela fé, ou que já estejam nela iniciados. Resulta disso a necessidade de uma nova estruturação dos assim chamados ‘cursos de noivos’, em perspectiva querigmática, que saiba mistagogicamente propor a fé, que saiba conduzir a experiência cristológica e eclesial. A preparação aos noivos é chamada a deixar de ser curso para assumir a fisionomia de percurso, de anúncio e experiência de fé, menos preocupações canônicas e morais e mais investimento missionário. Amoris Laetitia profeticamente afirma:

De nada serve também querer impor normas pela força da autoridade. É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimônio e a família, de modo que as pessoas estejam mais bem preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece” (AL 35)⁴.

O mesmo se pode dizer dos “cursos de batismo”, em que se preparam os pais e padrinhos para o batismo de seus filhos e afilhados. Qual a densidade querigmática e mistagógica desses encontros, ou seja, são “lugares teológicos” de anúncio e aprofundamento da fé, de experiência eclesial, ou prevalece o estilo palestra, em que se supõe que pais e padrinhos estejam iniciados na vida cristã?

A conversão paroquial a serviço da vocação cristã

No caminho percorrido até aqui apontamos a necessidade de pensar a pastoral vocacional e a iniciação à vida cristã conjuntamente. Inspiração catecumenal é genuinamente uma mediação para ouvir e responder de forma adulta ao chamado de Deus. Outra mediação do processo do discernimento vocacional é a instituição paroquial. (Vale lembrar o pano de fundo do presente artigo: relação de interdependência entre renovação paroquial e consolidação da inspiração catecumenal.)

A paróquia continua sendo, apesar de seu cansaço institucional, uma das principais portas de entrada para a vida cristã. Ora, se ela é ponto de referência para a vida cristã, resulta dessa afirmação o fato de ser lá, em seu espaço litúrgico, catequético, pastoral, social, onde se ouve concretamente o chamado de Deus a uma determinada vocação. Deus fala, Deus chama através de pessoas, e (por que não?), através de estruturas. Daí a necessidade de conversões estruturais, pastorais, eclesiológicas da paróquia.

Fundamental nesse processo é perceber os ruídos estruturais e pastorais da paróquia que dificultam o despertar vocacional. Se existem muitos ruídos na cultura atual que dificultam o discernimento do chamado de Deus, não menos maléficos são os ruídos do modelo escolástico de catequese e da estrutura paroquial por demais centralizada e centralizadora. Portanto, a conversão paroquial é um serviço de

4 PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulinas, 2016.

animação vocacional ou, se preferirmos, o processo de relação dialética entre renovação paroquial e consolidação da inspiração catecumenal é mediação do discernimento vocacional.

Muitos aspectos da renovação paroquial poderiam ser mencionados a seguir, tais como os ministérios, a formação, o ser comunidade de comunidades, a relação clero-leigos, etc. Refletiremos tão somente um “lugar” teológico pastoral com denso potencial de animação vocacional. E por vocação aqui entendemos igualmente os carismas e serviços.

Conselhos e assembleias paróquias como lugares da animação vocacional.

O processo de construção da nova paróquia tem passagem obrigatória no avanço nas instâncias de planejamento, participação, comunhão e decisão na vida e missão da paróquia. Antes de serem uma estratégia em vista da eficácia pastoral ou administrativa, as instâncias participativas são expressões de uma igreja sinodal, que caminha junto, evangeliza junto, reflete junto e (por que não?) que decide junto.

Quais são as expressões concretas desse caminhar junto (sy-) no cotidiano da paróquia? Residem, aqui, geralmente reducionismos eclesiológicos, estreitamento de compreensão do que seja o caminhar junto na Igreja, isto é, o real alcance da sinodalidade na organização da paróquia.

A sinodalidade paroquial deve se realizar no planejar junto, no decidir e no administrar junto à vida e missão da paróquia, o que em nada diminui o ministério do pároco, antes, o enriquece e o complementa, por ser ele um homem de comunhão eclesial. Mais do que em outros tempos, o clero é chamado a ser um animador de comunidades, suscitador de dons, carismas e serviços. O pároco é o principal animador vocacional da paróquia.

Os atuais canais de participação de que a paróquia dispõe são os conselhos paroquiais e comunitários, as assembleias e os conselhos econômicos. A pergunta a ser trazida à mesa da reflexão é sobre o real alcance sinodal dessas instâncias, ou seja, são instâncias adultas, de direito, ou dependentes da boa vontade, da eclesiologia do pároco? Para aprofundar a problemática em questão, nos concentremos no Conselho Pastoral Paroquial (CPP), a mais conhecida instância de comunhão e

participação paroquial, a qual, embora recomendada pela renovação eclesiológico do Vaticano II, é, de acordo com o direito canônico, facultativo, e o parecer dos conselheiros, consultivo. Diante de tal compreensão do Direito Canônico, cabe uma pergunta não retórica, mas que toca o coração da maturidade eclesial paroquial: como avançar no ser sujeito eclesial diante da não obrigatoriedade do CPP, salvo se o bispo o determinar naquela diocese? Embora o bom senso e a prática pastoral têm nos mostrada a existência de CPPs em muitas paróquias, torna-se problemático não se tratar de algo constitutivo da identidade paroquial. Conseqüência disso, e causa ao mesmo tempo, na maioria dos casos, é o clericalismo, preocupação recorrente do papa Francisco.

Torna-se cada vez mais insustentável, diante da atual cultura sedenta de democracia e participação, as decisões da paróquia dependerem de uma só ou de poucas pessoas, que pretensiosamente julgam possuir todas as habilidades ou informações necessárias para tomar as decisões. Não se pode subestimar o fato de outras pessoas verem com mais clareza certos desafios e “soluções” pastorais por estarem mais próximas dos problemas reais, mais diretamente envolvidas com certos assuntos, em função de sua vocação própria de serem sinais do Reino nas realidades temporais.

É bem verdade que a participação nos canais de decisão da vida paroquial é uma responsabilidade que requer maturidade; urge um laicato adulto. A sinodalidade paroquial exige um laicato bem formado, adulto na fé. Por outro lado, na sinodalidade já está em andamento a formação de cristãos conscientes e adultos. Dar-lhes voz e espaço, ouvi-los, permitir que se expressem é constitutivo do amadurecimento humano e cristão. O processo de formação de maturidade eclesial e de fiéis adultos na fé vai além daqueles momentos especificamente formativos. A missionariedade, por exemplo, é lugar de formação. O exercício da coordenação pastoral e comunitária igualmente o é. A participação nos conselhos favorece o amadurecimento humano e eclesial. Enfim, a sinodalidade na paróquia, a promoção das instâncias de decisão e corresponsabilidade situam-se para além da mera execução das atividades ou da eficácia administrativa. É, antes, expressão institucional de fé. É fundamentalmente a concretização de uma paróquia horizontal, corresponsável a serviço da vocação à vida cristã e, por conseguinte, do despertar a uma vocação específica.

Uma estrutura paroquial onde o clero constitui o grupo dominante que assegura os serviços religiosos aos demais, e os leigos, que são a maioria absoluta, formam o grupo que obedece e executa, não é capaz de ser iniciática e muito menos de despertar dons e carismas. Na base da paróquia comunidade de comunidades está o batismo que nos faz todos Igreja. Uma paróquia centralizada e centralizadora, onde o pároco monopoliza os ministérios, não é capaz de ser mediadora do chamado de Deus; não está ajudando a discernir dons e carismas. Portanto, não cumpre sua vocação de ser animadora vocacional.

A conversão paroquial, à luz da inspiração catecumenal, abre caminhos para o surgimento de diversas vocações, carismas e serviços. Nesta perspectiva, pastoral vocacional (PV) tem seu início na renovação eclesiológica. Pastoral vocacional, antes de ser um setor da evangelização, ou uma pastoral implantada, tem início no novo jeito de ser paróquia, bem como numa afetiva e efetiva iniciação à vida cristã.

Questões:

1. Quais as conseqüências para a Igreja e para a sociedade de vocações surgidas sem uma iniciação à vida cristã?
2. Quais as pistas pastorais para que o processo de iniciação à vida cristã seja entendido como um genuíno trabalho vocacional?
3. Quais os principais entraves na estrutura paroquial que dificultam o despertar de vocações, dons e carismas?

COMO FALAR DO ESPÍRITO SANTO EM TEMPOS DE NEOPENTECOSTALISMO: O DESAFIO DE UMA NOVA PNEUMATOLOGIA

LUIZ CARLOS SUREKI, SJ¹

Introdução à Pneumatologia

“Pneumatologia” é o termo que se utiliza em teologia para se falar do estudo, da doutrina ou do conhecimento acerca do Espírito Santo. O termo é constituído pelos vocábulos gregos “pneuma” e “logos”: espírito e palavra/sabedoria. Visto a partir da teologia trinitária, o Espírito de Deus sempre acompanha a sua Palavra. É a Palavra de Deus quem revela o Espírito de Deus. E se a Palavra de Deus para nós é Jesus Cristo, segue-se que é ele quem revela o Espírito de Deus, ou ainda: nele se revela Deus como Espírito.

O Espírito é chamado “Santo” porque é de Deus, porque diz respeito à vida íntima de Deus, à “essência” de Deus, que São João, na sua primeira carta, denominou “amor” (1Jo 4,8,16). Também é João que no seu evangelho nos diz que Deus é espírito (Jo 4,24). Com efeito, não há contradição entre espírito e amor, pois o amor é uma realidade espiritual, é uma relação. Quando Deus mesmo se manifesta, quando Deus mesmo fala, Ele comunica o que Ele é: espírito de amor. Por isso, precisamos inicialmente buscar a manifestação do amor de Deus, do seu Espírito, na sua Palavra encarnada, portanto, em Jesus Cristo. Assim perceberemos facilmente que Jesus Cristo é o amor de Deus comunicado a nós, é o amor de Deus manifestado entre nós. Quem

1 Graduação em filosofia e teologia (FAJE), mestrado e doutorado em teologia (Leopold-Franzens-Universität Innsbruck, Áustria). Professor da Faje do Quadro Mestrado/Doutorado Teologia: Permanente.

acolhe o Cristo (a Palavra de Deus), acolhe o amor de Deus, o Pai. Este amor divino passa, então, a habitar em nós. Dito de outro modo: Jesus é o amado de Deus Pai, é o seu Filho: “Este é o meu Filho muito amado, em quem me comprazo” (Mt 3,17), nele o Pai coloca todo seu amor, nele o Pai coloca seu Espírito. Em Cristo, Deus manifestou o seu “Ser”, o seu amor por nós.

Toda a atividade do Filho amado está permeada pelo amor do Pai que o ama: “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor” (Jo 15,9). Quando Jesus anuncia o reinado de Deus está anunciando a força do amor de Deus, a única força capaz de transformar a nossa vida. Jesus compara essa transformação de vida que o amor de Deus faz em nós com um novo nascimento, um nascimento no Espírito. É justamente isso que Jesus tenta explicar a Nicodemos (Jo 3). O Reinado de Deus é a incomparável força do amor de Deus (e, portanto, do Espírito de Deus) que se anuncia e se deixa experimentar na vida e na práxis de Jesus. É essa força do amor de Deus que transforma e que liberta as pessoas das paralisias, das cegueiras, das enfermidades, do pecado, do medo e da morte. Jesus anuncia e manifesta o amor de Deus ao promover a vida. De fato, quem ama quer a vida do amado. Só pode ser curado pelo Filho amado aquele e aquela que crê que nele está o amor de Deus, a força do Espírito de Deus, a vida de Deus.

Como o amor é uma relação, os cristãos aprenderam com Jesus a empregar termos relacionais para falar de Deus, para dizer que Deus é amor. “Pai”, “Filho” e “Espírito Santo” não são nomes próprios. Eles indicam relação. Amante e amado se compreendem pelo amor. Assim, o Espírito Santo é a relação de amor propriamente dita entre o Pai e o Filho que eternamente se amam. O convite que o Filho amado nos faz é para entrarmos nessa relação amorosa, nessa relação espiritual de comunhão com Deus. E o caminho para entrarmos nessa relação é a acolhida do amado do Pai, a acolhida de Jesus Cristo porque ele é Palavra que anuncia e testifica o amor divino. Para Jesus, Deus é o Pai amoroso e compassivo. É desse amor compassivo que o Filho fala para revelar o Pai. “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada” (Jo 14,23); e ainda: “Quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (Jo 13,20). Quem enviou o Filho foi o Pai. A missão do Filho amado enviado não é outra senão a de dar a conhecer o amor do Pai, o amor que salva, que dá a vida. Conhecerá, portanto, o amor do Pai quem acolher o Filho, pois no Filho feito homem está o amor do Pai pela humanidade

e, portanto, por cada um de nós. Somos amados no Filho amado; passamos a ser filhos no Filho. Quando o amor de Deus começa a reinar em nós, o Reinado de Deus que Jesus anunciava começa a se tornar realidade na nossa vida.

Apesar das grandes inovações do Concílio Vaticano II em matéria de teologia trinitária, ainda continuava um vazio pneumatológico, um esquecimento do Espírito Santo na vida e na práxis pastoral dos cristãos. Bem sabemos que não há antropologia teológica sem a compreensão do ser humano conformado a Jesus Cristo, mas não sublinhamos com força que tal conformação se dá no Espírito Santo. Dizemos que não há uma ética cristã sem a configuração do cristão com Cristo na ação, mas nos esquecemos de sublinhar que tal configuração só pode acontecer no Espírito Santo. Também dizemos que não há escatologia cristã sem a referência à ressurreição e ao juízo final atribuído a Cristo, mas nos esquecemos de dizer que a salvação, a divinização do ser humano e, portanto, a nossa esperança de ressurreição e de vida eterna só pode se dar pela ação do Espírito Santo. Igualmente dizemos que não há eclesiologia sem a noção de Corpo de Cristo, mas esquecemos frequentemente que o lugar da eclesiologia na profissão de fé dos cristãos é no Espírito Santo. Não há sacramento algum da fé cristã, nem incorporação a Cristo, nem transubstanciação, nem reconciliação, nem ordenação diaconal, presbiteral ou episcopal, unção dos enfermos, bênçãos, etc., sem a ação do Espírito Santo na Igreja e em nós.

Sem o Espírito Santo, a Palavra viva de Deus que é Jesus Cristo se converte em enunciados doutrinários e dogmáticos; a fé acaba dando lugar à crença e às credências; o Corpo de Cristo passa ser a hóstia consagrada ao invés de ser as pessoas habitadas pelo amor de Deus; a Igreja passa a ser uma instituição entre outras, ao invés de ser um templo de pedras vivas unidas pelo amor de Cristo; a autoridade eclesial tende a se transformar em domínio, a missão do cristão se converte em propaganda, e o agir do cristão parecer mais uma moral de escravos.

Algumas figuras para falar do Espírito Santo

Por sua procedência de Deus (que etimologicamente significa “luz”), o Espírito Santo tem como uma de suas representações a luz. O Espírito Santo ilumina nossa vida. O sacramento do batismo, no qual se recebe o Espírito Santo, era chamado pelos cristãos antigos de língua grega de “photismós”, que significa iluminação. Desde aí não é difícil

ver a proximidade para com as figuras do fogo e do calor. Espírito é dinamismo e energia. Ele é o fogo que Jesus disse que vinha trazer à terra (Lc 12,49); é expresso também como as línguas de fogo que pousam sobre os discípulos no dia de Pentecostes (At 2,1-4).

O vento é outra figura para falar do Espírito. Pneuma significa sopro, hálito, alento. Jesus dizia que o Espírito é como o vento, que ninguém sabe de onde vem nem para onde vai (Jo 3,8). A figura do vento servia para expressar a invisibilidade de uma força, uma ação propriamente espiritual, divina, ação criadora e vivificadora, vento de liberdade e sopro de vida. Lembremos que no relato da criação, Deus sopra nas narinas do homem para que este se torne um ser vivente, animado (Gn 2,7). No símbolo Niceno-Constantinopolitano o Espírito é chamado de “Senhor que dá a vida”.

Com a figura da água, o Espírito Santo está relacionado à purificação, à criação de um coração novo no qual será infundido um espírito novo (Ex 36,25-28). O Espírito é água viva que brota para a vida eterna – o dom de Deus que Jesus oferece à Samaritana (Jo 4,10-14). A água ainda alude à fecundidade que o Espírito porta, o saciar da sede, à vida do Espírito que se recebe nas águas do batismo.

A figura da unção também é muito utilizada para fazer alusão à situação em que se recebe o Espírito para desempenhar determinada função. É a força do Espírito que consagra: para uma missão, para um ministério pastoral, ou para manter a esperança numa situação de debilidade corporal e de enfermidade (unção dos enfermos). O óleo com o qual se unge alguém aponta para o poder curativo que o óleo tem nas culturas antigas (ungir as feridas com óleo). A própria palavra “Cristo” significa “o Ungido”. Por isso Jesus diz: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque me ungiu...” (Lc 4,18).

A figura da pomba, muito utilizada na iconografia da Igreja, significa basicamente o Espírito de paz; o que desce sobre Jesus no batismo. Simboliza a brancura, ternura, simplicidade e paz como qualidades do novo povo de Deus nascido do Espírito.

As figuras da nuvem e da sombra também são usadas para falar do Espírito como presença de Deus. É a nuvem que guia o povo no deserto (Ex 40,34-38); que envolve o Sinai (Ex 24,15-18), que cobre Maria para que conceba o Filho de Deus (Lc 1,35-36); que aparece

na transfiguração encobrindo Jesus e os três apóstolos (Mc 9,7), que esconde Jesus na sua ascensão ao céu (At 1,9); enfim é sinal da presença de Deus que envolve, protege, acompanha e guia.

Iluminar, aquecer, revitalizar, purificar, ungir, fecundar, recriar, unir, inserir na relação, etc., encontram no Espírito Santo, no amor compassivo de Deus, a sua compreensão teológica. Algumas referências e alusões bíblicas podem nos ajudar a compreender melhor o amor de Deus. “Amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus; todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Quem não ama não descobriu a Deus, porque Deus é amor. Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele que nos amou e nos enviou seu Filho. [...] Nisto reconhecemos que permanecemos em Deus e ele em nós, ele nos deu o seu Espírito” (1Jo 4, 7-8.10.13). “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei; nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,35). “Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor” (cf. 1Jo 4, 8.16). “Vós sois uma carta de Cristo, escrita com o Espírito do Deus vivo em tábuas, não de pedra, mas de carne, em vossos corações” (cf. 2Cor 3,3). O amor é a força espiritual mais potente que existe (cf. 1 Cor 15). O conhecimento de Deus está indissociavelmente conectado com a práxis amorosa do Filho, que como Amado do Pai, não vem para ser servido, mas para servir e dar a sua vida (cf. Mc 10,45).

Cristologia e Pneumatologia

Porque não se pode separar Jesus Cristo do Espírito Santo (eles são como as “duas mãos do Pai” – dizia Santo Irineu), também não se pode separar a cristologia da pneumatologia.

A cristologia sem a pneumatologia se converte facilmente em um cristomonismo. Isso significa que a pessoa de Jesus Cristo perderá pouco a pouco o seu encanto, sua vitalidade, seu poder de atração, sua força libertadora. Sem espiritualidade (sem o Espírito) a fê fica sem dinamismo, sem criatividade, sem ânimo, sem transcendência. Consequentemente, nos tornamos pessoas apáticas, desanimadas, desencantadas, sem iniciativa, sem força de reação, sem “brilho nos olhos”. Deste modo não poderemos ser sal da terra e luz do mundo. É como se quiséssemos ficar com a Ascensão de Cristo ao céu, mas sem Pentecostes.

Por outro lado, a pneumatologia sem cristologia se converte num pneumatomonismo. Isso significa que o Espírito Santo fica sem a sua referência concreta que é o Cristo e sua relação com os irmãos e irmãs. Sem Jesus Cristo a fé fica abstrata, sem raiz, sem corpo, sem imanência, sem direção. Neste caso, não poderemos ser testemunhas de Jesus Cristo, não seremos pessoas que como o próprio Jesus Cristo estão empenhadas com a transformação da realidade, com a promoção da vida e da justiça. É como se quiséssemos ficar com Pentecostes, mas sem Encarnação, cruz e morte.

Sempre que a cristologia ficar separada da pneumatologia e vice-versa, o cristianismo se atrofia, perde sua relevância, deixa de ser Boa Notícia. Sem o espírito, o corpo não passa de um cadáver; e sem a referência a um corpo, o espírito não passa de um fantasma. Por isso, a Igreja que é o Corpo de Cristo deve ser animada pelo Espírito, deve ser Templo do Espírito Santo. Sua missão é conduzir a Cristo. Uma Igreja que não conduz as pessoas a Cristo é uma Igreja morta (como disse recentemente o Papa Francisco). E é esse o problema que pode ser encontrado tanto na tradição cristã católica e protestante quanto nos movimentos pentecostais e, por conseguinte, no neopentecostalismo.

Breve percurso histórico-teológico do (neo)pentecostalismo

Um breve e espontâneo percurso histórico do surgimento do neopentecostalismo se faz aqui necessário a fim de que percebamos melhor o desafio que enfrentamos hoje. O neopentecostalismo é a terceira fase do movimento pentecostal. O pentecostalismo surgiu no interior das igrejas cristãs protestantes. No Brasil, o pentecostalismo surge nos inícios do século XX com alguns missionários protestantes vindos dos Estados Unidos. Sua primeira fase, também chamada pentecostalismo clássico, está associada inicialmente à fundação das igrejas Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911); enquanto a segunda fase, chamada também de “segunda geração de pentecostais”, está referida inicialmente à fundação das igrejas do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1961). A terceira fase, o neopentecostalismo, surge inicialmente com a fundação, por parte de brasileiros, das igrejas Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Renascer em Cristo (1986). E desde essas igrejas iniciais surgiram uma pluralidade de outras denominações.

Em grandes linhas, as diferenças básicas que distinguem o pentecostalismo do neopentecostalismo são as seguintes. O pentecostalismo enfatiza o ensino do “evangelho pleno”, o uso da bíblia (literalmente) como Palavra de Deus, o “sentir a presença do Espírito Santo”, o “Batismo no Espírito”, os dons do Espírito, a busca progressiva da santificação, as curas espirituais, a glossolalia (o dom de falar em línguas), o cuidado no vestir-se, a retidão moral. O neopentecostalismo, menos preocupado com os costumes e com o dom das línguas, acentua um dualismo do mundo espiritual dividindo-o entre Deus e o diabo. Propaga, por isso, a necessidade da expulsão dos demônios para que haja cura, libertação, restabelecimento da saúde físico-corporal, solução para os diversos tipos de problemas que assolam as pessoas, insiste na vida próspera, no enriquecimento e no bem-estar. A tônica do discurso neopentecostal não é a da vida eterna, mas a da vida aqui e agora. Estar com Deus significa estar protegido das adversidades e intempéries da vida. Não é por acaso que a chamada “teologia da prosperidade” é a que predomina no discurso neopentecostal que tem atraído milhares de pessoas.

Por isso é importante primeiramente dizer que falar do Espírito Santo em um contexto neopentecostal não é somente um desafio para os cristãos católicos. Também o é para as próprias igrejas pentecostais, e principalmente para as igrejas do protestantismo clássico. Assim como o pentecostalismo foi uma explosão do Espírito no interior do protestantismo, de modo semelhante (salvaguardando, contudo, as devidas distinções) foi a renovação carismática católica no interior do catolicismo. Em ambos os casos, uma observação parece válida: não teria havido um estrondoso sucesso desses movimentos ligados ao Espírito Santo, se o Espírito não estivesse de algum modo um tanto ausente na vida pessoal e eclesial dos cristãos. Dito de outro modo: se os cristãos dos séculos anteriores não tivessem acentuado tanto uma cristologia carente de pneumatologia, provavelmente não teria surgido nos últimos tempos uma pneumatologia tão carente de cristologia.

Em seguida é preciso igualmente dizer que o neopentecostalismo, termo este que faz a gente pensar em um novo pentecostalismo ou em uma nova pneumatologia, representa uma verdadeira inversão na interpretação da revelação cristã, do Evangelho e da Tradição e, assim, traz também muitas consequências para a prática de vida dos cristãos. A teologia da prosperidade (riquezas como sinal de bênção divina) já havia sido questionada no Antigo Testamento. Textos como Eclesiastes e

Jó questionaram o sofrimento do justo e o progresso do injusto como derivados da vontade de Deus. Jesus, por sua vez, ensinava que a nossa atitude de vida não deve ser aquela pautada pela pura representação de alguma recompensa, pois a salvação é puro dom do amor de Deus. Também ensinava que o amor de Deus não se mede pelo nosso amor que faz acepção de pessoas e que ama preferencialmente mais a uns do que a outros. Jesus deixava claro que Deus não quer nos dar coisas, mas antes quer dar-se a si mesmo a nós, morar em nós, quer na saúde, quer na doença. Jesus proclamou bem-aventurados os pobres, os que sofrem, os que são perseguidos por causa da justiça. Disse ainda o quanto é difícil para um rico entrar no reino dos céus; que não é possível servir a Deus e ao dinheiro. O próprio Jesus não buscou a fuga das dificuldades, das privações, não ficou imune aos sofrimentos, não foi poupado da morte, e morte de cruz. Estar em relação com Deus não significa, portanto, viver sem dificuldades ou ser poupado delas. O amor misericordioso não é tão somente aquele que livra o amado dos seus sofrimentos, mas principalmente aquele que sofre com ele.

A doutrina maniqueísta, que afirma a coexistência de dois princípios: bem e mal – Deus e o diabo – atuando em confronto igualitário de poder, foi condenada pela tradição da Igreja cristã como heresia desde a formulação do primeiro artigo do Credo cristão: “Creio em um só Deus, Pai todo poderoso, criador do céu e da terra, das coisas visíveis e invisíveis”. A expulsão dos “demônios” (exorcismos), por sua vez, não é um ato pontual que se realiza de uma vez por todas em alguém, mas um exercício cotidiano de crescimento no amor de Deus, de discernimento, de abnegações e de escolhas que levam em conta também o bem dos outros. Os “demônios” vão sendo expulsos à medida que o amor de Deus vai tomando espaço no coração da pessoa. Quando o coração fica vazio, o demônio volta com outros sete ainda piores do que ele (cf. Lc 11,26). “Quem diz amar a Deus, mas não ama o seu irmão, é um mentiroso” (1Jo 4,20). Com efeito, quem buscasse somente o seu próprio bem, estaria habitado pelo “demônio” da ganância, que oferece poder, riquezas e saciedade corporal (como no relato evangélico em que Jesus Cristo é tentado no deserto).

O imanentismo pregado pelo neopentecostalismo não promove o espiritual, mas o material; não incentiva a dimensão comunitária, mas antes a individual; não se preocupa com o sofrimento do outro, mas antes com o próprio bem-estar pessoal; não incentiva a luta pela igual-

dade social e pela justa distribuição de renda na sociedade, mas antes transfere o problema da injustiça social para a dimensão da relação de cada pessoa com Deus; não promove atitudes de cooperação mútua entre as pessoas, nem melhorias das condições de vida das pessoas a médio e longo prazo, mas antes se apresenta como solução imediata para todos os problemas.

Desafio de uma nova pneumatologia

Olhando para as principais características do neopentecostalismo, percebe-se facilmente que este não oferece uma nova pneumatologia. É um dos desdobramentos do pentecostalismo que conduz a um esgotamento do espírito. Sua “novidade” está na unilateralidade do emprego tanto da cristologia quanto da pneumatologia. Prega-se um Jesus milagreiro, que expulsa demônios e oferece bem-estar físico e financeiro; um Jesus glorioso e todo-poderoso que não conhece o sofrimento, a cruz e a morte e que, como tal, protege os seus discípulos livrando-os das dificuldades e enfermidades. Deste modo, também a ação do Espírito Santo fica reduzida às curas pessoais, às emoções sentidas, às comoções momentâneas, às línguas.

A harmonia entre cristologia e pneumatologia é fundamental para que a fé cristã se mantenha íntegra e a vida dos cristãos se mantenha sadia. Uma renovação pneumatológica ou “carismática” não pode esquecer a missão de Jesus Cristo que também é a missão dos seus seguidores e seguidoras. Jesus não permanece o tempo todo no Monte Tabor, mas desce ao encontro das multidões. Maria recebe o Espírito Santo e logo se põe a caminho para servir sua prima Isabel. Toda bela experiência do Espírito é uma experiência do amor de Deus que nos conduz a amar e a servir.

O serviço do cristão brota do coração agradecido, inundado pelo amor de Deus, pelo Espírito Santo. Boa parte dos nossos problemas se resolve quando ajudamos os outros a resolverem seus problemas. Grande parte da nossa alegria vem da alegria que proporcionamos aos outros. Grande parte da nossa esperança de vida eterna repousa na vida que promovemos junto aos irmãos e irmãs pelo simples fato de que eles, assim como nós, somos filhos e filhas de um mesmo Pai que igualmente nos ama.

E assim, o desafio de uma nova pneumatologia exige também uma nova cristologia. Uma cristologia atenta a Jesus Cristo e o seu projeto: o reinado de Deus, cujo amor misericordioso vai ao encontro dos últimos da sociedade, dos pobres, dos doentes, dos excluídos, dos pecadores, promovendo a igualdade, a justiça, a dignidade, o bem comum. Se não descobrimos qual Espírito animava a vida do Filho amado, tampouco poderemos esperar que uma nova pneumatologia possa surgir e nos unir como cristãos em torno de Cristo e sua mensagem salvífica. A vida de Jesus Cristo continua sendo o critério fundamental para se falar em experiência do Espírito, pois se não for o Espírito que animava a vida e a missão de Jesus, então será certamente o espírito do mundo, da imanência, da busca pela prosperidade pessoal, da competição, do individualismo, da divisão, do consumismo quem nos orientará. E não basta expulsar os maus espíritos do coração, se o verdadeiro Espírito, o amor de Deus, não ocupar o lugar deles.

Perguntas para refletir:

- 1) Qual a relação que o Espírito Santo tem com Jesus Cristo e o que acontece quando separamos a pneumatologia da cristologia?
- 2) Qual a diferença entre pentecostalismo e neopentecostalismo e por que o neopentecostalismo é um desafio tanto para os cristãos protestantes e pentecostais quanto para os cristãos católicos?
- 3) Qual critério é preciso ter presente para se falar em experiência do Espírito e, desde aí, para se falar em uma “nova pneumatologia”?

A ENCÍCLICA RERUM NOVARUM¹ (SOBRE A CONDIÇÃO DOS OPERÁRIOS, 1891) E A REFORMA TRABALHISTA (2017)

ADILSON SOUZA²

A Encíclica Rerum Novarum (RN) foi publicada em 15 de maio de 1891 pelo Papa Leão XIII. A carta versava sobre a “condição dos operários” e, de forma clara e firme, o Papa alertava sobre e denunciava as relações de trabalho e as inadequadas condições para laborar, na época.

Agora, 125 anos depois, foi sancionada a lei da reforma trabalhista³ que altera em centenas de pontos a legislação do trabalho. A situação ocorre em épocas extremamente distintas, mas com situações tão preocupantes como há mais de um século.

Naquela época, o Papa denunciava “a corrupção dos costumes e a influência da riqueza nas mãos dum pequeno número ao lado da indigência da multidão”. (RN, 1) Essa é, portanto, uma questão centenária. Convive-se com os males da corrupção, conforme denunciava o Papa há mais de 100 anos; e hoje os meios de comunicação em crescente aceleração e a possibilidade de integrar contatos tornaram a situação mais visível e, por outro lado, mais próxima de cada um. Similar àquela época, pode-se dizer da concentração de riqueza mundial onde, hoje,

1 w2.vatican.va, Encíclicas; Acesso em 2/9/17.

2 Superintendente do Axis Instituto, Consultor Organizacional e Professor Universitário. adilson@axisinstituto.com.br. www.axisinstituto.com.br

3 Fonte: Lei 13.467 de 13 de julho de 2017.

1% da população detém o equivalente a 99% da riqueza do restante e onde 62 pessoas detêm riqueza equivalente a 50% da população mundial⁴. No Brasil, não muito diferente, os problemas se agravam ainda mais pois, conforme a pesquisa da Oxfam, 6 (seis) bilionários possuem a riqueza equivalente a 50% da população nacional. Nesse contexto, como destravar o desenvolvimento e possibilitar que essa riqueza seja distribuída de forma justa, uma vez que as novas relações de trabalho não garantem um mínimo de segurança aos operários, tal como no trabalho intermitente e nas negociações que regeirão as condições do dia a dia?

A Encíclica expressava a preocupação quanto aos valores de salário de então, onde se dizia que, “entre os deveres do patrão, é necessário colocar, em primeiro lugar, o de dar a cada um o salário que convém”. (RN, 10)

Conforme o DIEESE⁵, o salário mínimo adequado a uma vida digna de direitos básicos, no Brasil, seria de R\$ 3.810,36 no mês de julho/17. Comparando este valor ao salário mínimo nacional de R\$937,00 este é, portanto, 75% menor que o necessário. Como falar de salário digno com tamanha diferença entre o necessário e o recebido?

Outro dado que deve ser considerado refere-se à pesquisa nacional por amostra de domicílio (PNAD)⁶, que revela que todas as unidades federativas do Brasil, exceto o Distrito Federal, apresentaram rendimento médio domiciliar per capita inferior a 2 (dois) salários mínimos. E, em pelo menos 11 (onze) Estados esse rendimento apresentou-se abaixo de 1 (um) salário mínimo.

De maneira pedagógica e catequética, a Encíclica afirmava:

os ricos devem precaver-se religiosamente de todo o ato violento, toda a fraude, toda a manobra usuária que seja de natureza a atentar contra a economia do pobre, e isto mais ainda, porque este é menos apto para defender-se, e porque os seus haveres, por serem de mínima importância, revestem em caráter mais sagrado”. (RN, 10)

Como o pobre poderá garantir os seus direitos ou como ele hoje se encontra frente às situações de completa ausência de garantias mínimas de direitos e sobrevivência? Já bastante debilitado, ferido em sua dignidade, açoitado literalmente em sua honra ou do que lhe resta, como os poderosos estão agindo para eliminar tamanho infortúnio? Diríamos

4 Fonte: www.oxfam.org.br.

5 www.dieese.org.br - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos.

6 ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_cont_inua/Renda_domiciliar_per_capita/Renda_domiciliar_per_capita_2016.pdf. Acesso em

que, estatisticamente, são pontos fora da curva quando mostrados casos positivos e elogiáveis na questão exposta. Pois, o que se percebe é que, sistemática e invariavelmente, aqueles que detêm o poder encontram-se envolvidos em grandes e endêmicas fraudes e manobras ilícitas em desvios de merenda, remédios, programas habitacionais e outros. Ou seja, exatamente em pontos que poderiam mudar parte da realidade miserável na qual os menos favorecidos se encontram.

Como traduzir a alegria e celebrações, na Câmara e no Senado, nas aprovações e encaminhamentos que, nefastamente afetam mais diretamente os pobres, tal como a atual aprovação da reforma trabalhista?

Mais à frente, o Papa discorria que, “é para as classes desafortunadas que o coração de Deus parece inclinar-se mais”. (RN, 13)

E assim ratificou a Igreja ao longo dos 125 anos, conforme pode-se ver nos documentos do Concílio Vaticano II, Medelin, Puebla, Santo Domingo, e Aparecida, clarificando e abrindo-nos os olhos quanto à posição explícita do Evangelho com relação ao pobre. Cabe a cada um entender e internalizar essa opção definida e como guia da Igreja e decidir quanto à posição a ser assumida. Em outras palavras, de que lado nós, cristãos, queremos estar?

A importância do repouso foi destacada na Encíclica, citando que, a atividade do homem, restrita como a sua natureza, tem limites que se não podem ultrapassar. O exercício e o uso aperfeiçoam-na, mas é preciso que de quando em quando se suspenda para dar lugar ao repouso. Não deve, portanto, o trabalho prolongar-se por mais tempo do que as forças permitem. Assim, o número de horas de trabalho diário não deve exceder a força dos trabalhadores, e a quantidade de repouso deve ser proporcionada à qualidade do trabalho, às circunstâncias do tempo e do lugar, à compleição e saúde dos operários”. (RN, 25)

E como ponto que vai de encontro à fala do Papa Leão XIII, a reforma traz a possibilidade de redução do horário de almoço para trinta minutos. Vale considerar, para a análise desse tempo reduzido, a higiene pessoal e necessidades básicas antes e após o almoço, as filas para o refeitório, o deslocamento, a espera para o aquecimento das marmitas e, se der tempo, a alimentação em si. Podemos pensar em qualidade na hora alimentação? O retorno às atividades tende a ser de forma inadequada; as relações internas poderão ser enfraquecidas; o clima organizacional tenderá a ser mais frio, desagregador e, portanto, prejudicial não só aos empregados como também à própria empresa.

Cabe citar a possibilidade do trabalho ininterrupto no regime de 12 X 36, que legaliza as 12 horas corridas de trabalho sem intervalo para refeição, desde que o empregador faça o ressarcimento do intervalo não realizado. Nesse caso, infere-se que o recurso financeiro resolverá os problemas nutricionais não atendidos de forma correta.

O Papa se preocupava também com a capacidade física dos trabalhadores da época quando dizia: “o que um homem válido e na força da idade pode fazer, não será equitativo exigir-lo duma mulher ou duma criança (...) a duração do descanso deve medir-se pelo dispêndio das forças que ele deve restituir”. (RN, 26)

E aqui cabe uma análise de risco: o trabalho infantil legalizado ainda não foi desta vez, mas em nome da redução da ‘vadiagem’, violência e das drogas na adolescência, pode ser sim, uma ideia iluminada de alguns dos que detêm o poder em encontrar, nessa saída, a solução para todos os problemas, o que, espera-se, não aconteça! E o pior, que como bandeira ideológica essa ideia poderia, ainda, angariar muitos simpatizantes e, conseqüentemente, uma penca de votos. Leva-se em conta, ademais, que as crianças e adolescentes ‘problemas’ são sempre ‘os dos outros’ e esses outros são, invariavelmente, os mais socialmente vulneráveis.

Em contraponto à Encíclica, a reforma retira da mulher o intervalo de descanso de 15 minutos entre a jornada normal e o início das 2 (duas) horas extras! Elas não precisarão mais descansar, sob o mantra da igualdade. Isso pode levar-nos a inferir que os que aprovaram a reforma e se regozijam com a mesma, desconhecem que a mulher tem, além da carga de trabalho na empresa, a dupla jornada ao chegar em casa. É óbvio que essa situação de dupla jornada não deve ser considerada normal e aceitável, mas o reconhecimento do fato dessa indesejável realidade, somada à ausência da mulher em postos chave de trabalho nas médias e grandes corporações, o salário diferenciado em relação aos homens em cargos semelhantes, dentre outras facetas injustas, colocam a mulher em um papel secundário e, portanto, a necessidade de um cuidado maior e tratamento diferenciado quer seja pontual.

E cabe, ainda, no caso das horas em excesso, a preocupação com os acidentes de trabalho que, segundo alguns especialistas, tendem acontecer no decorrer das horas extras, ou seja, após o tempo decorrido normal de trabalho no decorrer da jornada.

Com relação aos salários, Leão XIII chamava a atenção quanto ao mínimo necessário à subsistência, quase clamando que,

o salário não deve ser insuficiente para assegurar a subsistência do operário sóbrio e honrado. Mas se, constrangido pela necessidade ou forçado pelo receio dum mal maior, aceita condições duras que por outro lado lhe não seria permitido recusar, porque lhe são impostas pelo patrão ou por quem faz oferta do trabalho, então é isto sofrer uma violência contra a qual a justiça protesta (...) sendo de temer que nestes casos e em outros análogos, como no que diz respeito às horas diárias de trabalho e à saúde dos operários, a intervenção dos poderes públicos seja importuna, sobretudo por causa da variedade das circunstâncias, dos tempos e dos lugares, será preferível que a solução seja confiada às corporações ou sindicatos”. (RN, 27)

Como reagir quanto aos salários diferenciados, se a negociação se dará muitas vezes entre patrões e empregados? Se mesmo com a força e presença constante de sindicatos, a balança já pendia para o lado mais forte (empresas e federações), como serão as próximas rodadas de acordos coletivos? Ou vamos acreditar que as grandes corporações (e algumas pequenas e médias) irão ceder a um pequeno grupo de empregados que os representarão frente aos empregadores? As relações tenderão a ser impostas ou negociadas? E pensando o poder público como o guardião citado pelo Papa, como o mesmo vai agir de forma oportuna, como dita a Encíclica, se eles mesmos têm sido parte do protagonismo prejudicial das mudanças? E se as jurisprudências não mais serão tão simples ou terão um caminho tortuoso para acontecer, como os Tribunais Superiores do Trabalho ou outros poderão defender os menos favorecidos?

Sabidamente, desde o século XIX, o Papa percebia a necessidade de que os trabalhadores se unissem e decidissem as questões de forma representativamente forte, seja via associações, sindicatos ou outra maneira, quando diz: “mais valem dois juntos que um só, pois tiram vantagem da sua associação. Se um cai, o outro sustenta-o. Desgraçado do homem só, pois, quando cair, não terá ninguém que o levante”. E, “O irmão que é ajudado por seu irmão, é como uma cidade forte”. (RN, 30)

Ora, o Papa vislumbrava, inclusive fazendo uma alusão ao Evangelho (Eclo 4, 9-12; Pr 18,19), a importância dessa união de forças. E, 125 anos depois, essas forças são diluídas por um grupo de políticos, por algumas bancadas representativas de empresários, banqueiros, entidades patronais e apoiados maciçamente por estas classes ‘bancadistas’ cujos intuitos, em tal urgência na aprovação da reforma, não nos pareceram tão claros e benéficos à classe menos privilegiada, como têm alardeado e tentam transparecer, através da grande imprensa.

Santo Tomás de Aquino, citado na Encíclica, dizia que “uma lei não merece obediência, senão enquanto é conforme com a reta razão e a lei eterna de Deus”. (RN, 30)

Sendo assim, como seriam as respostas aos desmandos legais? Seria via movimentos de revolta, greves, paralizações, manifestações? Movimentos revolucionários o seriam? Ou recorrer... a quem? Como seguir uma legislação se esta se mostrar desconforme com a ‘razão e a lei reta de Deus’? Como Santo Tomás nos responderia a tal indagação? Imaginemos um workshop com esse grande Santo e Leão XIII acerca da reforma da lei de 2017... com alguns políticos brasileiros.

Muitos outros pontos são preocupantes: além da ausência do (bom) sindicato, o emparedamento do empregado frente ao patrão, a fragilidade e temeridade nas relações e outros, tais como a incerteza do trabalho na relação intermitente de vínculo, a saúde da mulher lactante e gestante em locais insalubres. E, aqui, cabe uma reflexão: qual mulher operária, com renda de até um salário mínimo (57% dos trabalhadores do país com rendimento domiciliar per capita⁷) ou até 2 salários mínimos (82% da população) teria um médico de confiança para avaliar o trabalho em locais insalubres, como reza a lei, e conceder um “alvará” liberando-a para laborar em tais locais? Ou seria o médico, de confiança da empresa (patrões), a ser indicado (senão imposto) às mulheres? Ou o SUS disponibilizará médicos de forma regular para que as mulheres trabalhadoras criem vínculo de confiança com os mesmos?

Nas rescisões trabalhistas, os empregados com mais de 1 (um) ano de contrato estarão sozinhos frente aos prepostos da empresa para acerto de contas. Quantos de nós, leitores deste texto, conhecerão todos os direitos e devidas verbas rescisórias e se sentem seguros em um quase inevitável desligamento da empresa após 5, 10, ou 20 anos de serviços prestados, sem a presença de especialistas assistindo à rescisão? Ah, poderão dizer os apoiadores da mudança, “mas os empregados poderão contratar advogados para assisti-los”. Novamente, as relações estarão em desequilíbrio.

Na relação de contrato ‘intermitente’ (ou contrato ‘zero hora’), os trabalhadores não terão garantia de salários, o que significa impossibilidade em assumir compromissos e, inevitavelmente, queda do consumo dessa parcela de cidadãos, ou seja, afetando famílias e empregadores.

7 Fonte: IBGE; Síntese de Indicadores Sociais, 2016.

Nos danos extrapatrimoniais (danos morais), a indenização independe da ferida causada por quem a fez, mas tão somente do ‘valor’ de quem a causou ou de quem a sofreu. Assim, o custo ‘para reparar’ o dano será proporcional ao salário de quem ofendeu ou foi ofendido, quer seja, as pessoas valerão, para efeitos de indenizações, o quanto ganharão, independe da ofensa ser a mesma entre os diferentes ofendidos.

Enfim, cabe ressaltar que alguns pontos da legislação mereciam, sim, estudos e revisões, mas vários pontos elencados por diversos especialistas se mostram perniciosos aos empregados e, indiretamente, às empresas, apesar da miopia daqueles que estão comemorando tal aprovação.

Caberia, portanto, uma análise aprofundada com participação ativa da sociedade para os acertos que se fazem prementes, mas não a toque de caixa (literalmente) por parte de muitos e menos ainda com grandes potenciais de prejuízos à classe trabalhadora e, especialmente, aos menos favorecidos e fragilizados nas relações de trabalho. E a estes, lembrando a encíclica...”o coração de Deus parece reclinar-se mais”.

